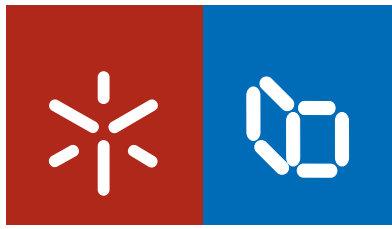




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Zheng Shanpei

**«O Ensino da Língua Portuguesa
na China: Caracterização da
Situação Actual e Propostas para o
Futuro»**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Zheng Shanpei

**«O Ensino da Língua Portuguesa
na China: Caracterização da
Situação Actual e Propostas para o
Futuro»**

Dissertação de Mestrado em
Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação

Trabalho efectuado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Micaela Dias
Pereira Ramon Moreira**

Declaração

Zheng Shanpei

Endereço eletrónico: zhengshanpei1981@yahoo.com.cn

Telefone: 961252133

Número do Passaporte: G22495453

Título da tese: **O Ensino da Língua Portuguesa na China**

Orientadora: Professora Doutora Maria Micaela Dias Pereira Ramon Moreira

Ramo de Conhecimento: Formação em Português Língua Estrangeira

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, 30/10/2010

Assinatura: _____

**Aos meus pais
que merecem este trabalho**

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento profundo à Professora Doutora Maria Micaela D. P. Ramon Moreira, pela orientação cuidadosa, pelas suas sugestões e comentários, também pela sua grande paciência e amizade.

À Directora do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, Professora Doutora Sum Lam, pela oportunidade que me deu de fazer mestrado na UM, pelo seu apoio tanto no estudo como na vida, pelas suas sugestões e paciência.

Aos meus pais, por sempre me amarem e me apoiarem sempre.

Ao professor Luís Cabral, pela sua grande paciência e ajuda, pela sua grande amizade, pelos conhecimentos que me transmite.

Ao Instituto Camões e à Fundação Gorge Álvares, pela bolsa de estudo que me deram para eu acabar o curso de mestrado sem dificuldade financeira.

Aos docentes do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, pelas grande paciência e pelos novos conhecimentos que eles me ensinam.

À grande amiga Bruna Patrícia Cardoso Peixoto, pela sua grande amizade e ajuda no estudo e na vida, pela sua paciência e carinho.

À Dr^a Zhao Xuemei, da Universidade de Economia e Comércio Internacaional, que aceitou a ser entrevistada por mim.

Ao Dr. Ye Zhiliang da Universidade de Ensinos Estrangeiros de Pequim, pelas suas informações necessárias.

Aos meus colegas de mestrado, pela sua amizade e ajuda que me deram, não só no estudo, também na vida.

Ao meu amigo Shilei, pelas suas valiosas ajudas e encorajamento, por sempre me apoiar de todas as maneiras possíveis, especialmente pelo seu apoio nível do material necessário para a elaboração da minha tese.

Aos meus amigos, pela nossa amizade e pelas informações que me ofereceram sobre

os assuntos que abordo na minha tese, especilamente Hanying, Yan Qiaorong, Wang Jiangmei, Liu Yi, Yangshu, Liu Quan.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da UM, pela oportunidade de formação acadêmica no Programa de Mestrado.

Resumo

No contexto actual, marcado pelo desenvolvimento das relações entre a China e diversos países estrangeiros, especialmente no âmbito do apoio dado pela China aos países africanos e da cooperação com a América Latina, torna-se cada vez mais premente a formação de pessoas que conheçam a língua portuguesa. Por isso, nestes últimos anos, surgiram mais universidades que abriram cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa na China. Até ao ano 2000, em toda a China, só 3 universidades tinham cursos de licenciatura em Língua Portuguesa. Actualmente, são 10.

Com o aumento acelerado deste tipo de cursos na China, surgiram também problemas. O ensino da LP na China não é sistemático e imita o ensino de outras línguas estrangeiras. Nesta tese, analisam-se as condições em que se procede ao ensino de português nas universidades chinesas, pondo em relevo os pontos fortes e os pontos fracos de tal actuação e procurando dar pistas para a superação das situações de fracasso neste domínio.

Este trabalho pretende constituir um auxiliar para o desenvolvimento dos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa na China.

Abstract

Starting from discussions about international relations between China and Portuguese-speaking countries, this dissertation mainly elaborates on the fact that, with the support of China's assisting-Africa policy and under the effect of further development of China-Latin American relations, it is becoming increasingly urgent and important to have more Portuguese-speaking people. After 2000, more and more Chinese universities have started under-graduate courses for Portuguese, which changes the number of universities with Portuguese courses from 3 to 10. Problems come up with the above phenomenon. The under-graduate Portuguese courses in China have not met the requirement of systematic teaching, and Portuguese teaching courses in the majority of universities are imitating that of other foreign languages. This dissertation will analyze in detail the current situation of Portuguese teaching in China, point out existing problems and shortcomings and try to find ways to improve.

Besides, we hope that this dissertation can help us to understand better the need in the development of future under-graduate Portuguese teaching in China.

摘 要

本文以中国与葡语国家关系的论述为起点, 阐述在中国援非政策的支撑和中拉关系日益发展的影响下, 葡语人才的培养变得日益迫切和重要。2000 年以来, 越来越多的中国大学开设了葡语本科课程, 使开设该课程的院校由 3 所增至 10 所。

由于开设葡语本科课程院校的激增, 问题也随之而来。中国的葡语本科教学还未达到系统教学的要求, 大部分学校都是模仿其它语种进行葡语课程教学。本论文将详细分析中国葡语教学现状, 指出存在的问题与不足, 并试图找出改进方法。

此外, 希望本论文在促进未来中国葡语本科教学的发展方面起到抛砖引玉的作用。

Índice

Introdução	1
Capítulo I	4
1. As Relações entre a China e os Países de Língua Portuguesa	5
1.1 A situação geral	5
1.1.1 Portugal	5
1.1.2 o Brasil	8
1.1.3 Angola	13
1.2 A situação prevista para o futuro	17
Capítulo II	23
2. Características cognitivas e académicas dos estudantes chineses	24
2.1 Comparação entre o pensamento oriental e ocidental	24
2.2 Análise/descrição dos métodos de ensino de professores de países de língua portuguesa a alunos chineses	25
Capítulo III	28
3. Os Alunos Chineses	29
3.1 As razões por que os alunos escolhem o curso da PLE na China	29
3.2 Os alunos que já tinham uma meta clara	30
3.3 Os alunos que escolhem PLE acidentalmente	32
Capítulo IV	34
4. O Curso de PLE na China	35
4.1 A situação geral do PLE na China	35
4.1.1 O mercado do PLE na China no passado	35
4.1.2 O mercado do PLE na China nos últimos anos e as universidades que têm	

cursos de Licenciatura em PLE	37
4.1.3 Os professores	40
4.2 As disciplinas	43
4.2.1 As disciplinas tradicionais de PLE nas Universidades	44
4.2.1.1 Fase básica (1º e 2º ano)	46
4.2.1.2 Fase Intermédia e Avançada (3º e 4º ano)	47
4.2.1.3 A importância da leitura intensiva para o ensino/aprendizagem de PLE	49
4.2.1.4 As disciplinas de conversação e de laboratório	50
4.2.1.5 As vantagens e desvantagens das disciplinas tradicionais	52
4.2.2 As disciplinas de tradução e interpretação, um trabalho intercultural	53
4.3 A mudança prevista das disciplinas tradicionais	56
4.3.1 Língua (Leitura Intensiva)	57
4.3.2 Conversação	58
4.3.3 Laboratório	59
4.4 Os manuais e outros materiais	60
4.5 A avaliação: os métodos da avaliação	65
4.5.1 As características da avaliação	66
4.5.2 Os problemas existentes a nível do processo de avaliação	67
4.6 Análise dos exames finais de Língua e Leitura Extensiva, tomando como exemplo os alunos do 1º ano da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin	68
Capítulo V	72
5. Cooperação entre as universidades chinesas e as universidades dos Países de Língua Portuguesa	73
5.1 A aceleração das aprendizagens num país estrangeiro	73
5.2 O modelo “3+1” no aspecto do ensino de PLE	75
5.3 Os principais países que cooperam no ensino de PLE	76
5.4 A opinião dos estudantes que participam em programas de intercâmbio	78
5.5 As vantagens e desvantagens do modelo “3+1”	80
5.6 Previsões para o futuro	82

Conclusão Geral	84
Referências Bibliográficas	87
Anexo I	97
Anexo II	99
Anexo III	100
Anexo IV	104

Índice dos Gráficos

Gráfico I	11
Gráfico II	14
Gráfico III	30
Gráfico IV	39
Gráfico V	40
Gráfico VI	43
Gráfico VII	45
Gráfico VIII	49
Gráfico IX	50
Gráfico X	51
Gráfico XI	53
Gráfico XII	61
Gráfico XIII	62
Gráfico XIV	64
Gráfico XV	65
Gráfico XVI	69
Gráfico XVII	77
Gráfico XVIII	78
Gráfico XIX	79

Introdução

A língua portuguesa é a sexta língua materna mais falada no mundo, existindo oito países que têm o Português como língua oficial: na Europa, Portugal; na América, o Brasil; na África, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e a Guiné-Bissau; na Oceânia, Timor Leste. Dentre esses países, destacam-se dois que têm uma maior cooperação com a China: Angola e o Brasil.

Na China, a Língua Portuguesa tem sido tratada como uma língua menor. Nos últimos anos, especialmente depois de 2000, com o desenvolvimento das relações de cooperação entre a China e os países lusófonos, a Língua Portuguesa tornou-se cada vez mais importante naquele país asiático. Todavia, apesar destes progressos, a taxa anual de licenciados em Língua Portuguesa na China não atinge os 160 estudantes e destes, uma percentagem correspondente mais ou menos a 10% não se vai dedicar a trabalhos que tenham relação com a língua portuguesa. Este número de graduados está longe de ser suficiente para satisfazer as necessidades de tradutores e intérpretes para os setores culturais, comerciais e políticos, em todos os âmbitos de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa.

Presentemente, na China continental, há 10 universidades que têm curso de licenciatura em língua portuguesa. Prevê-se que no futuro cada vez mais universidades chinesas venham a abrir cursos de licenciatura em língua portuguesa. Por isso, este trabalho tem os seguintes objectivos:

- Através de uma análise da situação política, económica e cultural, indicar os motivos e a importância da formação de alunos nas áreas relacionadas com a língua portuguesa.
- Descrever e analisar as características dos alunos chineses naquilo que diz respeito aos modelos de pensamento, aos objectivos e às motivações que determinam a escolha de uma licenciatura em língua portuguesa, a fim de estudar e propor as metodologias de ensino mais adequadas para as especificidades dos alunos chineses.
- Analisar as vantagens e as desvantagens das disciplinas, dos materias, dos

professores que agora existem no quadro do ensino do português na China, com o objectivo de procurar os métodos para melhorar as condições de tal ensino.

- Sensibilizar as autoridades chinesas para a necessidade de dar mais atenção aos cursos de licenciatura em língua portuguesa, nomeadamente através do estabelecimento de mais acordos de entre as universidades chinesas e as dos países lusófonos, sobretudo portuguesas.

Com vista à consecução dos objectivos acima enunciados, dividiu-se este trabalho em 5 capítulos:

1º capítulo – abordam-se as relações entre a China e os países lusófonos. Este capítulo comporta as relações entre a China e os três países de língua portuguesa mais importantes para a China – Portugal, o Brasil e Angola, incluindo os aspectos político, económico e cultural. Também se analisam os sectores em que se prevê que a China e os três países lusófonos venham a ter maiores relações de cooperação no futuro.

2º capítulo – reflecte-se sobre as características cognitivas e académicas dos estudantes chineses. Neste capítulo faz-se uma comparação entre os pensamentos oriental e ocidental, indicando-se as diferenças entre tais pensamentos. Por isso, apresentam-se também algumas sugestões aos professores oriundos de países lusófonos para ensinarem os alunos chineses.

3º capítulo – analisam-se os alunos chineses. Neste capítulo, dividem-se os alunos em dois grupos: os que escolhem a licenciatura em língua portuguesa com objectivos claros pré-definidos e aqueles que o fazem acidentalmente. Além de se indicarem as razões da escolha do curso de PLE pelos alunos, sugerem-se também metodologias diferentes de ensino para os alunos com objectivos diferenciados.

4º capítulo – reflecte-se sobre o curso de PLE na China. Este capítulo comporta vários aspectos sobre o curso de PLE na China, incluindo o desenvolvimento do curso, a actualidade do curso, as universidades que têm curso de PLE, os professores, as disciplinas, os manuais, os materiais e a avaliação. Dentre todos estes aspectos, dá-se particular importância às disciplinas, analisando as vantagens e desvantagens de cada uma delas e prevendo também os aspectos a melhorar.

5º capítulo – apontam-se as relações de cooperação entre as universidades chinesas e as

universidades lusófonas. Neste capítulo, explica-se em que consiste o modelo “3+1” e quais as vantagens e desvantagens deste modelo. Na actualidade, Portugal e o Brasil são os dois países principais que cooperam com a China no ensino do PLE. Este capítulo comporta também as opiniões dos estudantes sobre o modelo “3+1”.

Este trabalho termina com uma Conclusão Geral, em que se indicam algumas pistas de desenvolvimento de pesquisa à qual nos pretendemos dedicar e aprofundar num futuro trabalho de doutoramento.

CAPÍTULO I

AS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. As Relações entre a China e os países de língua portuguesa

No mundo, existem oito países que têm o Português como a língua oficial. Na Europa, Portugal; na América, o Brasil; na África, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e a Guiné-Bissau; na Oceânia, Timor Leste. Entre eles, salientam-se dois países que têm maior cooperação com a China: Angola e o Brasil. Vou analisar as relações entre a China e os países de língua portuguesa, especialmente Angola e o Brasil, em vários aspectos, para indicar a importância da LP na China.

1.1 A situação geral

Estes oito países de língua portuguesa, com excepção de São Tomé e Príncipe, mantêm relações diplomáticas com a China. Entre eles, o Brasil torna-se hoje em dia o primeiro grande parceiro comercial da China, sendo Angola também importante para a China sob o ponto de vista da política de apoio aos países africanos levada a cabo pelo governo central chinês. Portugal, como pátria da Língua Portuguesa, assume uma grande importância em questões relacionadas com a educação e as universidades chinesas que têm cursos de Licenciatura em LP têm normalmente relações de cooperação com as universidades portuguesas. Mas a importância de Portugal nos aspectos económico e comercial já é mais diminuta. Além de Portugal, as universidades chinesas que têm cursos de Licenciatura em LP têm também cooperação com as universidades brasileiras e macaeneses, embora a cooperação com estes países seja menos importante do que a que se realiza com Portugal. Até agora, as universidades chinesas ainda não têm nenhuma cooperação a nível do ensino da LP com os países africanos.

A seguir, falarei sobre os três países mais importantes, cuja língua oficial é o português.

1.1.1 Portugal

Entre todos os países de língua portuguesa, Portugal foi o primeiro país a ter contactos com a China. No livro «Jorge Álvares. O primeiro português que foi à China (1513)», regista-se que o primeiro português que chegou à China foi Jorge Álvares, em Junho

de 1513. Desde então a China e Portugal começaram colaborações em vários aspectos, por exemplo nos aspectos político, económico, comercial, cultural, etc. A seguir, falarei sobre alguns dos aspectos referidos na situação actual.

Relações Políticas Bilaterais

A China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de Fevereiro de 1979. Em Paris, as duas partes assinaram um acordo em que estabeleceram os contactos entre os ministérios dos negócios estrangeiros e as representações das embaixadas das duas partes. Nesse acordo, refere-se especialmente o problema de Macau. Portugal reconhece nesse acordo que Macau é parte integrante da China, o que determina que a questão da passagem da soberania para esse país seja tratada como um problema histórico. Os dois países chegaram à conclusão de que resolveriam o problema de Macau duma maneira amistosa. Isto também foi a base da solução do problema de Macau entre a China e Portugal em meados dos anos 80. Em Abril de 1987, através de uma consulta com base na igualdade, a China e Portugal chegaram à conclusão e assinaram a «Declaração Conjunta sobre o Problema de Macau», em que se diz que a China reassumiria a soberania sobre Macau em 20 de Dezembro de 1999. Desde 1979, os representantes dos dois países trocaram muitas visitas oficiais e não oficiais; especialmente desde os anos 90, os representantes de importantes cargos dos dois países trocaram cada vez mais visitas.

Em Dezembro de 2005, Wen Jiabao, o primeiro-ministro da China, visitou oficialmente Portugal e os dois primeiros-ministros assinaram a «Declaração Conjunta de Reforço das Relações Bilaterais», em que se sublinha a importância do papel de Macau nas relações entre os dois países. Nesse declaração conjunta, os dois países combinaram cooperar nos sectores político, económico, cultural, educativo, tecnológico, da justiça e da saúde. Em consequência desta declaração conjunta, as relações bilaterais aprofundar-se-ão sem dúvida no futuro.

Relações Comerciais

Desde que se implementou a política de reforma e de abertura na China, em 1987, a

economia chinesa não parou de crescer e tem vindo a desenvolver cada vez mais contactos comerciais com os outros países, incluindo Portugal. Depois de entrar na Organização Mundial do Comércio, em Novembro de 2001, a China acelerou o passo no sentido de desenvolver a economia. Embora Portugal não seja um grande parceiro comercial da China, nos sectores do vinho e da cortiça Portugal é um importante país exportador para a China. Em 2002, o valor do comércio bilateral chegou a 380 milhões de dólares e o crescimento do valor da exportação de Portugal para a China aumentou muito mais do que o valor da exportação da China para Portugal. Isto significa que em proporção, o valor das exportações de Portugal para a China é muito maior do que o valor das importações que começou a diminuir.

Nos últimos anos, o valor de comércio entre a China e Portugal tem aumentado todos anos. Mas sob a influência da crise económica, em 2009, o valor de comércio entre a China e Portugal foi de 943 milhões de euros, ou seja, em comparação com 2008, diminuiu 11%. O valor da exportação de Portugal para a China foi de 129 milhões de euros, isto é, em comparação com 2008, diminuindo 5.1%, enquanto o valor da exportação da China para Portugal foi de 814 milhões de euros, diminuindo 11.8%. Em 2009, os produtos mais importados da China são máquinas e equipamentos, vestuário, metal, produtos agrícolas, sapatos, produtos químicos, etc, e os produtos mais exportados para a China são minerais, máquinas e equipamentos, papel, madeira e cortiça, produtos químicos, etc.¹ Mas a crise não influenciou a exportação de vinho português para a China, a qual aumentou este ano, enquanto outras diminuíram.

Até Setembro de 2007, o investimento directo português na China atingiu 290 milhões de dólares num total de 145 projectos. Em 2009, a delegação do Ministério de Comércio da República Popular da China visitou oficialmente Portugal: as duas partes assinaram acordos para promover o investimento, o comércio, a cooperação económica, etc. A China queria aproveitar essa oportunidade para estimular os investimentos em Portugal, com vista a promover relações comerciais com outros países de língua portuguesa, alargando o seu alvo de um país para muitos países.

¹ Fonte:

<http://sousuo.mofcom.gov.cn/query/queryDetail.jsp?articleid=20091206713151&query=%E4%B8%AD%E8%91%A1%E8%B4%B8%E6%98%93%E9%A2%9D>

Relações Culturais

Quando se refere as relações culturais entre a China e Portugal, Macau ocupa um lugar muito importante. No século XVI chegou a Macau o primeiro português. Desde então, Macau tornou-se uma cidade que liga os dois países. Em Macau, as duas culturas totalmente diferentes não só não têm conflitos, como conviveram muito bem durante mais de 500 anos. Existem em Macau igrejas e templos, o Natal e o Ano Novo Chinês, comida chinesa e comida portuguesa. Pode-se dizer que Macau é uma janela através da qual os chineses começam a conhecer a cultura ocidental. Nos últimos anos, têm-se realizado muitas actividades em Macau para divulgar as culturas da China e de Portugal. Por exemplo, Portugal fez muitas exposições em Macau para divulgar os vinhos portugueses, os descobrimentos, etc., e a China continental mandou também delegações de dança típica chinesa - a “dança do dragão e do leão”.

Desde 2006, fundaram-se dois Institutos Confúcio em Portugal, um em Agosto de 2006, na Universidade do Minho, e outro em Abril de 2008, em Lisboa. Depois da fundação destes dois Institutos Confúcio, a China realizou em Portugal muitas actividades culturais para os portugueses conhecerem uma cultura tão longínqua e tão diferente.

A Fundação Chinesa de Bolsas de Estudo, a Fundação Oriente, o Instituto Camões e a Fundação Gulbenkian oferecem bolsas aos estudantes portugueses do curso de Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais para eles estudarem na China e aos estudantes chineses que são do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa para estudarem um ano em Portugal. Além disso, nos últimos anos, estas fundações dão cada vez mais atenção aos investigadores nos sectores tecnológicas e oferecem-lhes cada vez mais bolsas para fazerem investigação em Portugal.

1.1.2 o Brasil

O Brasil, o maior país da América Latina, possui um grande território e ricos recursos naturais, tendo um clima maravilhoso que é favorável ao cultivo dos cereais e de várias plantas. Por seu lado, a China tem a maior densidade populacional do mundo,

alimentando um quarto da população mundial, mas detendo apenas 6,4% do terreno do mundo.

Por isso, estes dois países em desenvolvimento têm muitos aspectos em que podem cooperar e já cooperaram em várias áreas. A China com tanta população, precisa do Brasil, considerado o depósito dos cereais no mundo, e precisa também dos ricos recursos brasileiros, por exemplo: ferro, alumínio, petróleo, etc., para satisfazer as necessidades criadas pelo desenvolvimento económico. O Brasil precisa de mercados com grandes consumidores e do apoio da China nos contactos internacionais.

Em seguida abordarei as relações bilaterais a nível da política, da economia e do comércio.

Relações Políticas Bilaterais

No dia 15 de Agosto de 1974, a China estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. Desde a década de 90 do século XX, os líderes chineses e brasileiros fizeram muitas visitas oficiais uns aos outros. Especialmente em 2004, o presidente chinês Hu e o presidente brasileiro Lula fizeram visitas oficiais mútuas.

Nos primeiros 20 anos de estabelecimento das relações diplomáticas, a relação entre a China e o Brasil não se desenvolveu muito. Nos últimos 12 anos, com o rápido crescimento económico, a relação política bilateral tem-se desenvolvido muito.

O governo brasileiro insiste firmemente numa China só e em consequência não estabeleceu relações diplomáticas com Taiwan. Em Março de 2004, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil proferiu uma declaração, em que se reafirmou o princípio de uma China só. A China precisa do apoio do Brasil no problema de Taiwan². Como um parceiro próximo do Paraguai, país sul-americano que apoia a independência de Taiwan, o Brasil tem influência sobre esse país. O governo chinês quer aproveitar esta influência para ganhar o apoio do Paraguai no problema de Taiwan no futuro.

² Antigamente, a Ilha de Taiwan era uma parte da China e era ocupada pela Holanda e pelo Japão. Depois da 2ª Guerra Mundial, a China retomou a administração de Taiwan. Em 1949, o Partido Nacionalista perdeu na Guerra Civil ao Partido Comunista, e foi para Taiwan. Depois com o apoio do governo americano, Taiwan quer independe-se como um país. As relações entre a China continental e Taiwan têm sido esporádicas.

Para o Brasil, as relações com a China já excederam a área comercial e chegaram ao nível das conversas políticas e da cooperação em várias áreas. Como a China é um país-membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, o Brasil precisa do apoio da China nos assuntos internacionais. O Brasil quer elevar a sua posição internacional, e uma das maneiras principais é cooperar mais com os países em desenvolvimento. Por isso, a China, a Índia, a África do Sul e a Rússia tornam-se muito importantes na política brasileira.

Por outro lado, para a China, o Brasil é um portão para entrar na América do Sul, não só na área comercial, mas também política. Tornar-se no parceiro estratégico do Brasil não só é favorável para que a China entre no mercado brasileiro, mas também para que entre no mercado sul-americano. Em muitos assuntos internacionais, o Brasil tem pontos de vista comuns aos da China. Por isso, a China quer ganhar mais apoios nos assuntos internacionais através da influência brasileira na América Latina.

Colaborações comerciais recente entre a China e o Brasil

Nos últimos anos, o comércio bilateral sino-brasileiro tem mantido um crescimento rápido, registando um aumento anual de mais de 30%. O Brasil já se tornou no maior parceiro comercial da China na América Latina, enquanto a China é o maior parceiro comercial do Brasil na Ásia. O volume comercial entre ambas as partes já ocupa um terço do volume total dos intercâmbios comerciais entre a China e a América Latina. O desenvolvimento comercial e a cooperação económica entre a China e o Brasil têm mostrado algumas novas características, que são as seguintes:

Crescimento rápido do comércio

Em primeiro lugar, o comércio bilateral desenvolve-se de maneira considerada e sustentável. O valor comercial registou um aumento notável, passando de 1,541 milhões de dólares, em 1999, para mais de 20,300 milhões de dólares em 2006, ou seja, aumentou mais de 12 vezes durante 7 anos (Gráfico I).

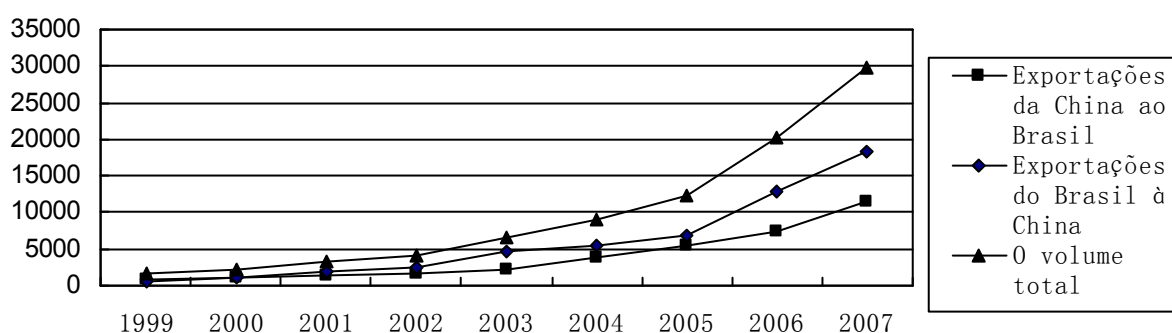
No ano de 2007, o volume comercial entre a China e o Brasil alcançou uma cifra recorde de 29,705 milhões de dólares, um salto de 49,3% em comparação com o de

2006. As exportações brasileiras para o mercado chinês subiram 42% até 18,330 milhões de dólares, de acordo com um análise do Ministério do Comércio da China³. A China tornou-se, pela primeira vez, o segundo maior fornecedor do Brasil, logo a seguir aos Estados Unidos.

Gráfico I

Os valores do comércio bilateral entre a China e o Brasil, 1999--2007

(Total do ano, por milhões de dólares)



(Fonte: Elaboração própria segundo as figuras do Ministerio do Comércio da China, www.mofcom.gov.cn/)

Concentração dos produtos

Em segundo lugar, o volume tem aumentado rapidamente nestes anos, concentrando-se o comércio bilateral em certos produtos.

Os produtos principais que o Brasil exporta para a China são ferro e aço, produtos derivados do petróleo, produtos derivados da soja e outros produtos alimentares, etc. Estes sectores ocupam mais da metade dos productos exportados do Brasil para a China. Mas os produtos exportados da China para o Brasil concentram-se em maquinaria e aparelhos electrónicos, têxteis, carvão, equipamentos e aparelhos de telecomunicações, etc. Apesar de nos últimos anos a estrutura comercial ter mudado, os produtos manufacturados com preço baixo ainda ocupam uma grande proporção nos intercâmbios bilaterais. Em 2006, 97% de total das exportações chinesas para o Brasil foram manufacturas industriais. A China agora é o maior fornecedor de alguns

³ Fonte dos números: www.mofcom.gov.cn/

produtos para o Brasil como sapatos de borracha, guarda-chuvas, lâmpadas e lanternas, etc.

Cooperações no sector energético

Em terceiro lugar, já começaram as cooperações no sector energético entre a China e o Brasil.

Como o Brasil abunda em reservas de petróleo e possui uma tecnologia avançada para a exploração do crude nos mares profundos, é um parceiro importante para a cooperação bilateral neste sector. Na actualidade, ambos os países cooperam principalmente na exploração do mar profundo e na construção do pipe-line de petróleo e de gás. Em Maio de 2004, a empresa brasileira Petrobras e a empresa chinesa Sinopec chegaram a um acordo de cooperação em todos os aspectos do sector petrolífero. A partir de Janeiro de 2005, estas duas empresas começaram a colaborar na exploração petrolífera no Golfo do Rio de Janeiro, e na construção de um pipe-line de gás que une o nordeste e o sudoeste do Brasil.

Cooperações tecnológicas

A cooperação tecnológica entre a China e o Brasil obtém muitos êxitos, e já serve como um bom exemplo para a cooperação sul-sul em questões relacionadas com a alta tecnologia, sobretudo nos terrenos espacial e aeronáutico. Os dois países lançaram conjuntamente dois satélites de recursos terrestres (CBER-1 e CBER-2) de sua própria fabricação e desenho, em 1999 e 2003. As imagens enviadas destes dois satélites são utilizadas para a agricultura, silvicultura, terras, recursos minerais, conservação da água, cartografia, protecção do meio ambiente, acompanhamento de desastres e urbanismo. A China e o Brasil têm previsto lançar outros três mais nos próximos anos.

Quanto à cooperação aeronáutica bilateral, a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) criou uma empresa de investimento misto com um parceiro chinês na cidade do nordeste da China, Harbin. Essa empresa mista, com uma capacidade de produção anual de 24 aviões regionais, já entregou à South China Airline a primeira

série de aparelhos.

O investimento directo mútuo

O investimento directo mútuo tem uma tendência de crescimento continuado, não só na quantidade, mas também na percentagem do investimento total em ambos os países.

Por parte da China, o investimento chinês no Brasil aplica-se principalmente nos sectores da mineração, das telecomunicações, do comércio, dos serviços, da transformação de madeiras e das linhas de montagem dos electrodomésticos. As grandes empresas como Baosteel, China Minmetals Corporation, Sinopec, Huawei já aumentaram os investimentos no Brasil para aproveitar as suas vantagens de capital e tecnologia.

E por parte do Brasil, até ao fim de 2006, este já investiu em 312 projectos na China, com um investimento contratado de 292 milhões de dólares, cuja maior parte se aplicou nas indústrias de manufactura e hidroeléctricas centrais⁴. As grandes empresas brasileiras como Embraer, a Aerolinha Varig, Petrobras e o Banco do Brasil já fundaram escritórios de representação na China.

Mas, esse investimento ainda é relativamente pequeno em comparação com os fluxos globais do investimento directo estrangeiro (IDE) neste local. Por isso, ainda existe um grande espaço para o investimento mútuo.

1.1.3 Angola

Depois da independência, Angola entrou num período de guerra de civil que apenas teve fim em 2002, ao fim de 27 anos de conflitos armados. Desde então, como a guerra destruiu quase todo o país, a China começou a apoiar a reconstrução de Angola.

O apoio do governo chinês à reconstrução de Angola é uma parte da política de apoios aos países africanos, levada a cabo com o objectivo de ganhar mais apoios no continente africano, especialmente no que se refere ao problema de Taiwan. Além disso, no apoio a Angola, a China oferece tecnologias e dinheiro e, em 2003, a China

⁴ Fonte dos números: <http://spanish.xinhuanet.com/spanish/index.htm>

começou a trocar energia por obras. Este modelo assente numa filosofia de troca de bens e serviços tem ganho uma importância crescente como forma de cooperação com países em vias de desenvolvimento.

Nos últimos anos, especialmente desde 2000, o comércio entre a China e Angola tem-se desenvolvido muito rapidamente. Em 2003, o valor do comércio bilateral foi de 2.352 bilhões de dólares e em 2006 já atingiu 11.827 bilhões de dólares⁵.

Gráfico II

Valores do comércio bilateral entre 2003 e 2006

(por milhões de dólares)

Ano	Valor total das importações		Valor das exportações para a China		Valor das importações da China	
	Valor	Crescimento (%)	Valor	Crescimento (%)	Valor	Crescimento (%)
2003	23.52	104.8	1.46	137.8	22.06	102.9
2004	49.11	108.8	1.94	32.7	47.17	113.8
2005	69.55	41.6	3.73	92.6	65.82	39.5
2006	118.27	70.1	8.94	139.9	109.33	66.1

(Fonte: Departamento de Comércio da Embaixada Chinesa em Angola, <http://ao1mofcom1gov1cn/index1shtml>)

Os pressupostos da cooperação económica

A base política

Embora a China e Angola sejam países geograficamente muito afastados, as relações políticas entre os dois países sempre foram amistosas. Nos anos 60 e 70 do século XX, a China apoiou firmemente a independência de Angola e Angola retribuiu apoiando sempre a China no problema de Taiwan e na questão dos direitos humanos. Os líderes dos dois países trocaram muitas visitas oficiais e não oficiais nos últimos anos. Como

⁵ Fonte dos números: <http://ao1mofcom1gov1cn/index1shtml>

os dois países têm interesses comuns, as relações comerciais bilaterais têm-se aprofundado cada vez mais. Quando o presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, visitou a China, ele proferiu um discurso no qual reconhecia que a China tem experiências ricas na construção civil e no qual manifestava a sua esperança de que a China pudesse ajudar Angola no processo de reconstrução através das cooperações estabelecidas⁶. Pode-se dizer que as boas relações políticas servem como garantia e como força motriz para as cooperações comerciais bilaterais.

A complementaridade mútua

Angola produz petróleo e é um país rico em diamantes, madeira, mariscos, etc, para além de ter condições particularmente favoráveis para o desenvolvimento dos sectores agrícola e da pastorícia. Depois da guerra civil, Angola tornou-se deficitária em capitais, tecnologias e equipamentos para a construção civil. Por seu lado, na China faltam os recursos de petróleo, de madeira, de mariscos, etc., mas o país possui as máquinas, os equipamentos, as tecnologias, os produtos eletrónicos que são precisos no mercado angolano. Por isso, podemos dizer que os dois países têm complementariedade mútua.

As políticas levadas a cabo pelos dois países para promover a cooperação mútua

Depois da guerra civil, o governo angolano adoptou uma série de políticas para promover a cooperação com outros países e para chamar mais capitais estrangeiros para a reconstrução das infra-estruturas do país. Por exemplo, implementou uma política baseada no princípio de que “quem vem mais cedo, ganha mais cedo” com o objectivo de cativar os investimentos dos países que necessitam dos recursos naturais de Angola.

Pela parte chinesa, o governo chinês estimula o investimento das empresas chinesas na África. Em Junho de 2006, na visita oficial a Angola, o primeiro-ministro da China Wen Jiabao indicou os três princípios fundamentais da cooperação entre a China e Angola que são política movita e força motriz para as cooperações sino-angolanas.

⁶ <http://www1sina1com1cn>, 2 de Novembro de 2006

A importância de Macau

Em Outubro de 2003, para reforçar as cooperações económicas e comerciais entre a China e Portugal, fundou-se o “Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, em Macau, com vista a que a Região Administrativa Especial de Macau desempenhasse o papel de uma plataforma entre a China continental e os países de língua portuguesa. Depois da fundação desta organização, as delegações chinesas e as de língua portuguesa trocam sempre visitas e, sob a alçada desta organização, através de muitas formas como por exemplo, seminários e exposições, tem-se promovido o desenvolvimento profundo das relações económicas entre a China e os países de língua portuguesa.

As dificuldades enfrentadas pela cooperação económica

A forte concorrência da Europa, dos Estados Unidos e dos outros países asiáticos

Por causas históricas e culturais, os países europeus e americanos são os mais importantes parceiros económicos de Angola. Em 2005, os produtos angolanos foram exportados principalmente para os Estados Unidos (representando 38.9% do valor total das exportações de Angola), para a China (29%), para a França (7.7%), para o Chile (5.3%) e para a Espanha (2.9%); os produtos importados por Angola provêm sobretudo da Coreia do Sul (representando 27.5% do valor total de importação de Angola), de Portugal (12.6%), dos Estados Unidos (11.8%), da África do Sul (7.2%) e do Brasil (5.4%)⁷. No sector do petróleo, as companhias inglesas e americanas controlam este sector. No sector da construção, as empresas portuguesas, espanholas, americanas e francesas foram as primeiras a entrar em Angola. Essas empresas conhecem bem o mercado angolano o que representa um factor de forte concorrência desfavorável às empresas chinesas.

As dificuldades próprias das empresas chinesas

Tendo em conta que a base económica é fraca em Angola, os salários locais em

⁷ EIU, *Country Profile: Angola 2006*, p1371

Angola são elevados e os técnicos são poucos, os custos numa empresa chinesa tornam-se mais elevados. Por exemplo, o salário dum trabalhador não qualificado angolano pode ir de 120 a 150 dólares por mês, enquanto o salário dum engenheiro chinês que trabalha em Angola é de apenas 130 dólares por mês, o que representa um sexto do salário dum engenheiro de empresas europeias ou americanas.

Por outro lado, às empresas chinesas que estão a operar em Angola faltam conhecimentos e experiência de cooperação com os estrangeiros. Os empresários chineses não conhecem bem nem o código de trabalho nem as leis angolanas. Cumulativamente, os trabalhadores chineses experimentam dificuldades de integração relativamente à população angolana autóctone.

A maior parte dos trabalhadores chineses não fala português e isso também dificulta as relações entre as empresas chinesas e angolanas.

Os riscos de investimento em Angola

O risco político: Em Angola, existem dos principais partidos políticos rivais - a UNITA e o MPLA – que, tendo sido facções em confronto durante todo o período de guerra civil, têm agora muitos obstáculos a uma convivência construtiva, o que torna a situação política angolana bastante complexa e instável.

O risco económico: a base económica de Angola é muito fraca. A economia nacional depende muito das exportações dos recursos naturais. A principal exportação angolana é o petróleo, cujas oscilações de preço nos mercados mundiais afectam e influenciam muito as finanças do governo de Angola.

Os riscos bancários e financeiros: o sistema bancário angolano tem muitos defeitos. Por exemplo, a maior parte dos bancos servem só o governo e as empresas, tendo dificuldades em gerar e gerir outro tipo de clientes.

Os riscos administrativos: a corrupção a nível do governo angolano e da sociedade em geral é muito grave, não dando a administração do país sinais claros de conseguir resolver esse grave problema.

1.2 A situação prevista para o futuro

A cooperação entra a China e Portugal

Na actualidade, a situação da economia de Portugal não atravessa uma boa fase e, conseqüentemente, a cooperação económica entre a China e Portugal não tem progredido como seria desejável. No entanto na minha opinião, em muitos sectores, Portugal e a China têm espaço para cooperar, nomeadamente nos que a seguir se indicam:

Cortiça: Portugal produz muita cortiça e exporta muito todos os anos. A China consome muita cortiça todos os anos, mas está totalmente dependente das importações, visto que as condições do seu território não são propícias ao cultivo desta árvore.

Azeite: Os chineses não costumam usar azeite para cozinhar, não porque não gostem, mas porque a China não produz azeite. Agora, no mercado chinês, todos os azeites são importados, principalmente da Espanha, da Grécia e da Itália. Os azeites importados têm preços muito altos no mercado chinês. Portugal produz também azeite, mas não exporta para a China. Por isso, neste sector ainda existe espaço para uma cooperação entre a China e Portugal.

Vinho: a China não produz muito vinho, principalmente porque a China não tem tecnologia para produzir vinho. Agora a China coopera muito com a França. A França fornece a tecnologia e a China produz o vinho. Como em Portugal também se produz muito vinho e de qualidade muito boa, nomeadamente o vinho do Porto, que é um vinho português mundialmente conhecido, neste sector pode-se pensar exportar vinho directamente para a China.

A China já tem relações culturais com Portugal há muito tempo, como já se referiu em ponto anterior deste trabalho. Como consequência de todos os tipos de cooperação entre a China, Angola e o Brasil que atrás foram anotados, a língua portuguesa tem-se tornado cada vez mais popular na China. Para os chineses, Portugal, sendo o país de origem de língua portuguesa e gozando de uma estabilidade política e social apreciável, é o primeiro sítio escolhido para aprender português. Nos últimos anos, cada vez mais universidades portuguesas elaboraram protocolos com as universidades chinesas onde existem cursos de licenciatura em língua portuguesa para permitirem o intercâmbio de alunos. Nesta base, prevê-se que cada vez mais alunos chineses

venham para Portugal para aprender português. E no futuro, com ajuda dos Institutos Confúcio, cada vez mais actividades culturais serão realizadas em Portugal.

A cooperação entre a China e o Brasil

Com a análise do desenvolvimento das relações comerciais e económicas entre a China e o Brasil nos últimos anos, já sabemos a tendência desta cooperação bilateral.

Na minha opinião, ambas as economias são bastante complementares, o que oferece uma janela de oportunidades para aprofundar as relações bilaterais em matéria de comércio e investimento. Ainda existe muito espaço para a cooperação bilateral e o futuro parece ser brilhante.

Sectores energético e mineral

Com o desenvolvimento da economia, a China necessita cada vez mais de energia e de matérias-primas. A dependência exterior de alguns produtos energéticos minerais como o petróleo, o ferro, o cobre, o alumínio, o níquel já chegou a 50%, 44%, 58%, 30%, e 55% respectivamente. E esta percentagem aumentará mais num futuro próximo. O Brasil conta com reservas abundantes de recursos naturais. Neste país há quase todos os tipos dos principais recursos que são necessários ao desenvolvimento da indústria. O Brasil tem também tecnologia avançada e competitividade na exploração de petróleo nos mares e na fundição de ferro. Com estas vantagens comparativas, o Brasil pode satisfazer as necessidades da China.

Além disso, o Brasil também tem vantagens na investigação dos biocombustíveis e na utilização das energias renováveis. Na actualidade, as energias renováveis já ocupam 43,8% das energias usadas no Brasil, que superam a percentagem média do mundo (13,6%). Quanto à investigação dos biocombustíveis, o Brasil é o mais avançado em todo o mundo. A China deve colaborar com o Brasil nestes sectores e aprender com a sua tecnologia avançada para resolver os problemas da energia no futuro.

Por parte do Brasil, apesar de o sector da fundição se desenvolver rapidamente, falta-lhe o carvão que é uma matéria indispensável para este sector. Por isso, todos os anos importa muito carvão da China e de outros países. Algumas empresas brasileiras já mostram desejo de cooperar com as empresas chinesas neste sector.

Então, estas complementaridades podem fornecer muitas oportunidades para a

cooperação bilateral.

Infra-estruturas

Em 2004, o governo brasileiro anunciou um Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), indicando os projectos das infra-estruturas para os anos seguintes, incluindo as construções de estradas, caminhos ferroviários, habitações, obras hidráulicas, etc., que necessitarão, no total, de mais de 298 milhões de dólares. Esta falta de dinheiro é uma grande oportunidade para as empresas chinesas. Por exemplo, a construção de caminhos-de-ferro entre as minas de ferro e os portos podem, por um lado, melhorar as condições das infra-estruturas do Brasil e, por outro lado, facilitar o transporte dos minerais de ferro para a China e reduzir os custos de transporte.

Sector tecnológico

O nível da tecnologia do Brasil é o mais alto da América Latina. Em alguns sectores, ele é mesmo um dos mais avançados em todo o mundo. Por exemplo, no sector automóvel, nos sectores espacial e aeronáutico, nos biocombustíveis, nos novos materiais, na automação, no software, etc. Como já se mencionou anteriormente, a China já começou algumas cooperações no sector aeronáutico e na exploração de petróleo, e ainda tem muito espaço a explorar nos campos do software, da engenharia biológica, dos novos materiais, etc.

Sector agrícola

Sobre a cooperação agrícola, o Brasil tem sido um dos maiores fornecedores de produtos agrícolas para a China. A soja e os produtos derivados ocupam uma grande percentagem na exportação do Brasil para a China. Neste sector, há ainda muitas potencialidades. Por exemplo, a China tem vantagens na tecnologia do cultivo dos cereais e o Brasil é mais capaz na área da agricultura ecológica. É possível acelerar as cooperações nestes aspectos.

Nos últimos anos, as cooperações económicas e comerciais entre a China e o Brasil têm aumentado consideravelmente, e esta tendência continuará. Mas ainda existem alguns problemas e obstáculos para as cooperações no futuro. Ambas as partes têm que fazer todos os esforços para resolver bem estes problemas e levar a relação bilateral a um novo nível.

Cooperação entre a China e Angola

Sector agrícola

O território de Angola é vasto e fértil, mas está pouco explorado. Embora a população de Angola não seja grande, ainda precisa muito da importação de cereais. Segundo a estatística da Organização da Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, no primeiro semestre de 2006, Angola precisou de 33554 toneladas de cereais de ajuda. Isto significa que a terra de Angola não está bem utilizada e há falta de tecnologia para a produção agrícola. Para se utilizar mais efectivamente os recursos agrícolas, o governo angolano tem de aumentar o investimento neste sector. Como a China tem vantagens neste sector, por exemplo, a nível da tecnologia da produção, os dois países têm grande espaço para cooperar no futuro.

Sector pesqueiro e sector da silvicultura

Angola tem um litoral de 1650 km, possuindo recursos pesqueiros naturais famosos e ricos mariscos. Segundo a lei angolana, pode-se pescar 45 toneladas de marisco por ano. Na actualidade, em cada ano só se pescam 30 toneladas de mariscos, existindo ainda 15 toneladas para explorar⁸. Para as empresas chinesas que possuem tecnologia neste sector, isto é uma oportunidade. Os dois países acreditam que o sector pesqueiro será uma parte importante nas cooperações económicas bilaterais.

Além de indústria pesqueira, Angola possui também ricos recursos em silvicultura. A floresta cobre 35% do terreno angolano. A floresta angolana produz muitas madeiras especiais que são bastante procuradas no mercado chinês. Na actualidade, para a China, a madeira é um dos produtos que depende muito da importação. Por isso, as empresas chinesas investem tecnologia e dinheiro em acções de cooperação que incidam na área do tratamento da madeira. E neste sector há ainda muito espaço para se desenvolverem.

Sector dos recursos minerais

Angola possui grande recurso de petróleo. Segundo números do «*Oil Gas Journal*», Angola tem reservas de petróleo de 1,096 bilhões de toneladas⁹. Além disso, Angola

⁸ EIU, *Country Profile: Angola 2006*, p1241

⁹ *Oil Gas Journal*, 18 December 2006

possui também grande reserva de diamante, que é uma pequena parte dos seus recursos minerais. Em 2004, a China e Angola assinaram um acordo de cooperação assente num modelo de “troca”, ou seja, Angola troca obras de construção civil por petróleo com a China. Isto é uma opção que satisfaz as necessidades de desenvolvimento dos dois países.

Infra-estrutura

Depois da guerra civil, as infra-estruturas foram gravemente destruídas. 98% das pontes, 80% das fábricas, 60% dos hospitais, 80% das escolas e a maior partes das auto-estradas foram destruídos¹⁰. Por isso, Angola precisa de muito tempo, dinheiro, tecnologia, etc. para a reconstrução. As empresas chinesas de construção têm as suas vantagens, por exemplo, mão-de-obra barata, materiais baratos, etc, por isso, têm grande capacidade de concorrência neste sector em Angola. Agora muitas construções em Angola são feitas pelas empresas chinesas. Como Angola ainda precisa muito da construção de infra-estruturas, esta cooperação vai continuar por pelo menos 5 anos.

Segundo a análise anterior, pode-se concluir que com o desenvolvimento das cooperações entre a China e os países de língua portuguesa, a China precisa cada vez mais de gente que fale português. Ainda precisa de gente que possa servir como tradutor ou intérprete, que não só possa tratar dos assuntos do quotidiano, mas também possa traduzir documentos formais, por exemplo, acordos, ou que possa servir como intérprete em situações formais, por exemplo, mesas de negociações. Isto faz com que aumentem os pedidos de ensino da língua portuguesa, embora presentemente na China ainda não se lhes dê a importância devida. Nos capítulos seguintes, vou analisar detalhadamente o ensino ao nível das licenciaturas em língua portuguesa na China.

¹⁰ See EIU, *Country Profile: Angola 2006*, p1331

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS COGNITIVAS E ACADÉMICAS DOS ESTUDANTES CHINESES

2. Características cognitivas e acadêmicas dos estudantes chineses

Se um chinês pretendesse enviar uma carta para Portugal e escrevesse o endereço de acordo com as convenções em vigor na China, provavelmente essa carta nunca chegaria ao destinatário. Aparentemente, dir-se-ia que as causas que estariam na origem deste facto radicariam em diferenças culturais patentes nos diferentes costumes em uso em cada um dos países. Porém, a explicação tem raízes mais profundas que se prendem com as diferenças inerentes às formas de pensamento lógico de povos ocidentais e orientais.

Dadas as diferentes raízes das sociedades orientais e ocidentais, os pensamentos oriental e ocidental têm grandes diferenças. No que toca à aprendizagem de línguas, em geral, e de aspectos da gramática, em particular, os ocidentais preferem começar com as práticas enquanto os orientais gostam de começar com a teoria. Nesta parte, tendo em vista os perfis mentais de estudantes orientais, em comparação com os ocidentais, vou analisar o método utilizado no ensino do PLE para alunos chineses.

2.1 Comparação entre o pensamento oriental e ocidental

As diferenças nos padrões de pensamento oriental e ocidental consistem sobretudo nos aspectos seguintes:

a. Modelo “Particular -- Geral” e Modelo “Geral -- Particular”

Sob a influência da filosofia de «Yi Jing»¹¹, os chineses possuem um modelo de pensamento de tipo “particular -- geral”. Quando os chineses descrevem um assunto, normalmente seguem a seguinte regra: primeiro indicam a causa, depois o resultado; primeiro o grande, depois o pequeno; primeiro o tempo passado, depois o tempo posterior. Por isso, a sintaxe das frases chinesas parece-se a uma linha, que corresponde à ordem de tempo.

Mas os ocidentais são influenciados pela filosofia lógica, dando grande importância à análise lógica. Eles possuem um modelo de pensamento de tipo

¹¹ «Yi Jing»: Um livro em chinês escrito na Dinastia Xizhou, em que se forma a antiga filosofia chinesa.

“geral -- particular”. Por isso, as frases ocidentais normalmente têm uma estrutura arbórea, que têm como núcleos o sujeito e o predicado.

- b. Projecção directa de pensamento sobre a língua e Projecção indirecta de pensamento sobre a língua

A língua chinesa não dá muita importância à gramática. Para expressar as ideias, o idioma chinês depende muito mais do vocabulário do que de estruturas gramaticais tipificadas. Pelo contrário, as línguas ocidentais têm gramáticas sistemáticas. Quase todas as construções frásicas ocidentais têm uma estrutura gramatical de suporte determinada.

- c. Concreto e Abstracto

Os chineses privilegiam um tipo de pensamento concreto enquanto os ocidentais valorizam sobretudo o pensamento abstracto. Em questões de metalinguagem, os chineses preferem usar exemplos para explicar uma noção abstracta; já os ocidentais preferem explicá-las por meio de paráfrases que se afastam de exemplos concretos. Por isso, os chineses recorrem a vocábulos que remetem para noções concretas para explicar noções abstractas, enquanto os ocidentais o fazem por recurso a um pensamento formal.

Os três itens acima enunciados constituem as principais diferenças entre o pensamento oriental e o ocidental. Quando os chineses aprendem uma língua ocidental, têm de se adaptar a esta forma de pensamento ocidental e procurar adoptá-la por forma a evitar um “Português chinês”. Mas a obtenção de resultados deste tipo está dependente de um processo longo e difícil. A melhor maneira de o conseguir é viver com os ocidentais para conhecer bem o pensamento deles.

2.2 Análise/descrição dos métodos de ensino de professores de países de língua portuguesa a alunos chineses

Tendo conhecimento das diferenças entre os pensamentos oriental e ocidental, os professores de países de língua portuguesa, normalmente portugueses e brasileiros, deveriam dar mais atenção a este aspecto.

Nas aulas, quando ocorrem erros devidos às diferenças de modelos de pensamento, seria útil que os professores, em lugar de se limitarem a assinalar o erro, fizessem uma comparação explícita entre o erro e a respectiva formulação correcta. Na verdade, tais erros são o fruto de um hábito de pensamento e de um esquema mental arraigado e, como tal, não são fáceis de ultrapassar. Por isso, torna-se imperioso analisar o erro por comparação com correcção, bem assim como dar aos alunos oportunidades para praticarem a estrutura corrigida.

Na actualidade, o modelo comunicativo de ensino das línguas estrangeiras é cada vez mais popular entre os professores e os alunos. Os professores portugueses também privilegiam este método no ensino da língua portuguesa. Porém, é verdade que na China ele não é assim tão popular, porque os alunos chineses estão habituados a um método de ensino baseado na exposição da teoria seguida de exercícios práticos de aplicação.

Os estudantes ocidentais, quando aprendem a língua portuguesa, já têm uma língua materna como uma base semelhante à do português. Embora algumas línguas não sejam tão semelhantes ao português, como por exemplo, o alemão ou o russo, a lógica da gramática e do léxico é semelhante. Para um chinês, especialmente um chinês que não tenha conhecimento de quaisquer outras línguas ocidentais, a estrutura da língua portuguesa provoca-lhe grandes perplexidades.

Por exemplo: quando ensina a conjugação dos verbos, se o professor usar o método comunicativo, ele vai sempre apresentar exemplos em que as diferentes conjugações surgem em frases. Isto, para um aluno chinês, pode ser problemático já que na língua chinesa não existem conjugações, sendo os diferentes tempos verbais indicados por recurso a auxiliares.

Além do que é referido em cima, aparecem em todas aulas outros exemplos de problemas causados pelas diferenças de forma de pensar entre ocidentais e orientais, o que exigiria dos professores de português o desenvolvimento de uma didáctica específica de ensino-aprendizagem de português a estudantes chineses.

Relativamente aos trabalhos escritos, nomeadamente os textos elaborados como **trabalho de casa**, seria também muito proveitoso que os professores pedissem aos

alunos que reescrevessem todo o trabalho depois de corrigido, como forma de se consciencializarem dos erros cometidos e como método mais eficaz de superação das dificuldades sentidas, pois tal método potencia uma mais fácil memorização das estruturas correctas. Outra medida que os professores poderiam tomar como forma de ultrapassar os erros mais frequentes, seria tipificá-los e analisá-los na aula.

Fora da aula, seria bom que os professores estrangeiros continuassem a comunicar com os alunos. Isto não é obrigatório. Mas na China existe sempre uma ajuda mútua entre os alunos chineses e os professores estrangeiros. Como os professores estrangeiros não falam chinês, ou falam muito pouco, os alunos chineses ajudam-nos na vida quotidiana, por exemplo, a fazer compras ou a arrendar uma casa. Além disso, eles também se divertem sempre juntos, por exemplo, viajam e jantam em conjunto. Nesses contactos, os alunos chineses também têm oportunidades para corrigir os hábitos de pensamento e para descobrirem as diferenças não só a nível da língua mas também da cultura.

CAPÍTULO III

OS ALUNOS CHINESES

3. Os Alunos Chineses

Todos os estudantes chineses que entram nas universidades escolhem os seus cursos. Mas muitos deles não conseguem entrar nos cursos que gostariam realmente de frequentar. Muitos estudantes entram no curso de português por mero acaso. Entre eles, alguns haviam escolhido outros cursos de línguas, como por exemplo, cursos de espanhol, cursos de francês; as opções de outros não tinham mesmo nenhuma relação com as línguas estrangeiras. Por exemplo, há estudantes que se candidatam ao curso de chinês por gostarem muito da literatura chinesa ou de chinês clássico, não tendo a maior parte deles interesse no estudo das línguas estrangeiras. Para melhor poder equacionar esta questão e as suas implicações, considerou-se útil realizar um questionário aos alunos do curso de português da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin, o qual, depois de devidamente respondido, será analisado, com o intuito de nele se identificarem informações que permitam pensar em métodos diferenciados de ensino, de acordo com as diferentes motivações dos estudantes para a frequência do curso.

3.1 As razões por que os alunos escolhem o curso de PLE na China

Segundo o *Inquérito aos alunos de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin*¹², que se fez a alunos dos 1º e 2º anos, num total de 29 alunos, conclui-se que a maior parte dos alunos, 75.86%, ingressou no curso de língua portuguesa por escolha própria; tendo-o escolhido por acaso apenas 24.14%. Em 2005, quando os alunos do primeiro curso de licenciatura em língua portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin entraram na universidade, a realidade era bem diversa, já que só um deles escolhera efectivamente este curso, tendo os restantes entrado nele por acaso. Comparando estes números, pode-se dizer que na actualidade, cada vez mais gente na China reconhece a importância da língua portuguesa e deposita uma grande esperança no

¹² Anexo I: Inquérito aos Alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin

desenvolvimento das relações entre a China e os países de língua portuguesa.

Razões da escolha do curso de PLE pelos alunos

Entre os 22 alunos que escolheram o curso de PLE como primeira opção, são três as principais razões apontadas: expectativa de vir a ter um bom trabalho no futuro; gosto em aprender línguas estrangeiras; e interesse pela cultura lusa, nas suas vertentes portuguesa ou brasileira. No inquérito, uma parte dos alunos refere as duas razões.

Os resultados são os seguintes:

Gráfico III: Razões por que os alunos escolhem o curso de PLE na China

Razões	Quantos alunos escolhem	%
Para encontrar um bom trabalho no futuro	18	81.82%
Por gostar da cultura dos países de língua portuguesa, nas vertentes portuguesa ou brasileira	8	36.36%
Por gostar de aprender uma língua estrangeira	6	27.27%
Por gostar de futebol de Portugal ou do Brasil	2	9.09%
Outras	3	13.64%

A maior parte dos alunos refere como razão principal da sua escolha a possibilidade de encontrar um bom trabalho no futuro. Na actualidade, na China existe grande concorrência e toda a gente procura desenvolver uma competência técnica especial para viver melhor. Como se analisa no primeiro capítulo deste trabalho, graças às boas perspectivas de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, cada vez mais alunos escolhem o curso de PLE, embora eles não conheçam nada sobre a geografia, a história ou a cultura dos países de língua portuguesa.

3.2 Os alunos que já tinham uma meta clara

Segundo a análise do inquérito e do gráfico III, pode-se dizer que a maior parte dos

alunos já têm uma meta clara quando entraram na universidade, pois anseiam encontrar um bom trabalho. Mas um “bom trabalho” tem significados diferentes para cada aluno. Alguns acham que um “bom trabalho” significa trabalhar como funcionário público, outros acham que significa “ganhar bem”, não se importando com o tipo de trabalho vão fazer, outro ainda preferem trabalhar no exterior porque gostariam de ter a experiência de viver algum tempo em países diferentes.

Embora estes alunos tenham metas claras, eles não têm muitos conhecimentos, até quase nenhum conhecimento sobre os países de destino. Segundo o inquérito, dentre os 22 alunos, 10 (45.45%) alunos conheciam pouco sobre os países de língua portuguesa. Eles obtiveram esses poucos conhecimentos através dos compêndios de história da escola secundária e também através da imprensa. 4 (18.18%) alunos quase não sabiam nada sobre os países de língua portuguesa e 4 (18.18%) alunos conheciam o Brasil e Portugal na área do futebol. Só 4 (18.18%) alunos tinham mais conhecimentos sobre os países de língua portuguesa. No inquérito, eles indicam que conhecem as relações bilaterais, a situação do comércio entre a China e o Brasil e as relações de cooperação entre a China e os países africanos. Eles obtiveram esses conhecimentos através da televisão, dos compêndios da escola secundária e da internet. E quase todos alunos obtiveram passivamente esses conhecimentos, não foram eles próprios que os procuram.

Para ajudar os alunos a alcançar as suas metas, é necessário não só instruí-los academicamente nas disciplinas específicas, mas também transmitir-lhes conhecimentos relativos a todas as áreas dos sectores profissionais pelos quais eles se interessam. Para os alunos que querem trabalhar como funcionários públicos, além das disciplinas linguísticas, devem também obter conhecimentos sobre as relações bilaterais, as histórias e culturas dos países de língua portuguesa, as características da linguagem formal e jurídico-administrativa, etc. Cumulativamente, dado que a maior parte deles tem como destino Angola (onde um tradutor/interprete pode auferir rendimentos mensais de cerca de 3000 dólares), devem também aprofundar os conhecimentos atinentes à sociedade africana, à legislação e à cultura locais, etc. Mas esta área é muito vasta, porque na actualidade, a China coopera com Angola em quase

todos os aspectos: desde a construção de caminhos ferroviários e de auto-estrada, até à medicina, à construção civil, etc.,

Para os alunos que têm interesse na cultura portuguesa ou brasileira, será mais útil que os professores dêem mais atenção aos aspectos da geografia, da história, da sociedade, etc, que têm relações com cultura. Como agora, na China, muita pouca gente se dedica a investigar sobre os países de língua portuguesa, especialmente sobre o Brasil que tem um grande espaço de cooperação com a China, se os professores chamarem a atenção dos alunos para estes aspectos culturais, é expectável que eles, após a sua formatura, continuem a investigar neste campo, o que seria muito útil para a China.

3.3 Os alunos que escolhem PLE acidentalmente

Do total de inquiridos, os restantes sete alunos, representando 24.14% dos alunos que participaram no inquérito, escolheram por acaso o curso de PLE. Quase todos eles escolheram primeiro outras línguas estrangeiras que não o português, por isso, ninguém disse que tinha dificuldade em aprender português porque o português não foi escolhido por ele próprio. De facto, depois de entrar neste curso, eles estudam bastante e não pensam em abandonar o curso.

Mas existe um exemplo que não está neste inquérito. Uma estudante que entrou neste curso em 2006 e escolheu este curso por acaso, pois o seu interesse era na literatura chinesa. Depois de entrar neste curso, ela tinha grande dificuldade em aprender a língua portuguesa porque não tinha nenhum interesse nesta área. Neste caso, podem-se apontar duas maneiras de resolver o problema, porque na actualidade é impossível mudar de curso nas universidades chinesas: ou ela decidia continuar o curso de PLE, esforçando-se para ultrapassar as suas dificuldades, ou voltava a candidatar-se aos exames nacionais para poder escolher outro curso. Como foi referido anteriormente, a maior parte dos alunos acha que é importante encontrar um bom trabalho no futuro. Como tal, os professores tentaram conversar com aquela estudante e tentaram despertar-lhe o interesse por este curso. Finalmente ela reconhece as vantagens e as boas perspectivas abertas pela língua portuguesa e começou a interessar-se mais pelo curso. Depois de uns anos, ela tornou-se uma das

melhores alunas da turma.

Segundo a análise do exemplo em cima apresentado, pode-se concluir que para os alunos que escolheram o curso por acaso, é muito importante chamar-lhes a atenção para as vantagens e as possibilidades abertas por este curso, coisa que pode e deve ser feita pelos professores. Agora na Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin e na Universidade de Comunicação da China, os professores apresentam as situações gerais dos países de língua portuguesa nas primeiras duas aulas em vez de dedicarem essas aulas à abordagem de conteúdos de língua, usando um leque de recursos o mais variado possível. Por exemplo, passam dois vídeos ou cassetes de português de Portugal e de português do Brasil, para chamar a atenção para as diferenças entre os dois países. Também apresentam as paisagens e os costumes diferentes dos países de língua portuguesa na Europa, na América e na África.

Para motivar e instruir alunos com interesses e metas diferentes, os professores devem usar métodos pedagógico-didáticos diferentes. Quando os alunos entram no 3º ou 4º ano do curso, a universidade também pode considerar abrir mais disciplinas para os alunos escolherem segundo os seus interesses próprios. Isto não se realiza bem na China, porque na actualidade, as universidades que abrem curso de licenciatura em língua portuguesa não têm professores suficientes para abrir tantas disciplinas.

CAPÍTULO IV

O CURSO DE PLE NA CHINA

4. O Curso de PLE na China

Neste capítulo, analisarei primeiro a situação geral da língua portuguesa na China, apresentarei as universidades que têm curso de licenciatura em língua portuguesa e os professores destas universidades. Depois, vou indicar as disciplinas tradicionais do ensino de PLE nas universidades chinesas. Analisarei as vantagens e desvantagens dos cursos e das disciplinas tradicionais e proporei alguns métodos para melhorar o ensino de PLE a estudantes chineses.

4.1 A situação geral do PLE na China

Na actualidade, há 10 universidades que têm curso de licenciatura em língua portuguesa na China continental e 2 universidades em Macau. Nesta parte, focalizar-me-ei na China continental. Na China continental, todos os anos, formam-se menos de 160 alunos da licenciatura em língua portuguesa e, dentre eles, uma parte correspondente mais ou menos a 10% não se vai dedicar a trabalhos que tenham relação com língua portuguesa. Segundo a análise feita no capítulo I deste trabalho, este número de alunos está longe de ser suficiente para satisfazer as necessidades de tradutores e intérpretes para os setores culturais, comerciais e políticos, em todos os âmbitos de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa.

4.1.1 O mercado do PLE na China no passado

O desenvolvimento do ensino da língua portuguesa na China pode-se dividir em 3 fases: uma fase inicial; uma segunda fase de interrupção; e uma última fase de recuperação e desenvolvimento rápido do ensino da língua portuguesa.

Depois de 1949, data da fundação da República Popular da China, este país alargou bastante as relações diplomáticas com os países estrangeiros. Consequentemente, para além de o ensino de uma língua estrangeira (inicialmente o Inglês e o Russo) se tornar obrigatório no ensino secundário, também foram implementadas uma série de políticas para formar quadros em línguas estrangeiras de menor expressão, com o objectivo de responder à crescente e rápida necessidade de tradutores e intérpretes para actuarem no aspecto político. Naquele tempo, fundaram-se cursos de línguas

estrangeiras em diversas universidades, incluindo os cursos de licenciatura em língua portuguesa.

Com o aprofundamento da realidade histórica referida anteriormente, fundou-se o primeiro curso de licenciatura em língua portuguesa no Instituto de Radiodifusão de Beijing em 1960, actualmente a Universidade de Comunicação da China (UCC). O curso, com duração de 4 anos, tinha 23 alunos, e todos eles eram finalistas do curso de tradutores/intérpretes de língua russa. Como na altura havia falta de professores, o Partido Comunista Internacional, sediado na ex-União Soviética, mandou uma professora brasileira, Mara Mazozini, para ajudar no ensino da língua portuguesa nessa universidade. Essa professora foi a primeira professora estrangeira no curso de licenciatura em língua portuguesa na China. Depois de 4 anos, 18 dentre esses 23 alunos, formaram-se e obtiveram o grau de licenciados.

Segundo Wang Suoying (2001): “alguns meses depois da fundação do curso de licenciatura em língua portuguesa no Instituto de Radiodifusão de Beijing, foi aberto no Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing, actualmente a Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing (UEEB), um curso intensivo de língua portuguesa, com duração de 2 anos e meio e com uns 10 alunos, que também eram finalistas e tradutores/intérpretes de língua russa.”¹³

Pode-se dizer que o Instituto de Radiodifusão de Beijing e o Instituto de Línguas Estrangeiras de Beijing foram as primeiras universidades que se abriram aos cursos de língua portuguesa.

Além da primeira turma do curso da língua portuguesa na UCC, a universidade recebeu também mais uma turma, em 1964, e duas em 1965. Os alunos foram ensinados por professores brasileiros, angolanos e portugueses. Nessa época, formaram-se uns 90 alunos na UCC. Infelizmente, com o começo da Grande Revolução Cultural, em 1966, o ensino da língua portuguesa na UCC parou, só sendo retomado no ano 2000.

Mas na UEEB o curso de língua portuguesa nunca foi interrompido. O curso de

¹³ Wang Jiangmei. P 56. *Concepção e Desenvolvimento de uma Licenciatura em Português na China: Circunstâncias, Princípios, Materializações*. Maio de 2007

licenciatura em língua portuguesa na UEEB começou em 1961. Até hoje, já formou mais de 300 licenciados. É uma das universidades com mais ricas experiências no ensino da língua portuguesa. Os primeiros dois professores deste curso eram licenciados do departamento de espanhol. Depois de um ano de formação em língua portuguesa na UCC, tornaram-se os primeiros professores do curso de licenciatura em língua portuguesa. Esta universidade recebeu alunos de quatro em quatro anos antes de 1992, de dois em dois anos entre 1992 e 1998 e anualmente desde 1998 (com exceção de 2001 e 2006).

Existe também uma outra universidade, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Xangai (UEEX), que é muito importante no ensino da língua portuguesa. O curso de licenciatura em língua portuguesa nesta universidade só começou em 1977, com apenas 10 alunos. A turma recebeu alunos de quatro em quatro anos entre 1985 e 2000 e cada turma tinha entre 10 e 15 alunos. Entre 2000 e 2004, esta universidade recebeu alunos de dois em dois anos e desde 2004 recebe-os anualmente.

A maior parte dos alunos das primeiras turmas de língua portuguesa, depois de se formar, colocou-se nos departamentos do governo chinês, por exemplo: no Ministério dos Negócios Estrangeiros, na Rádio Internacional da China, etc. Mas os alunos da UEEX preferem trabalhar em Xangai ou em zonas que lhe sejam próximas, onde têm mais oportunidades nos negócios, ao invés de ocuparem cargos nos departamentos do governo.

4.1.2 O mercado do PLE na China nos últimos anos e as universidades que têm cursos de Licenciatura em PLE

Nos últimos anos, o curso de licenciatura em língua portuguesa tem-se desenvolvido muito rapidamente. Em 2000, existiam 5 universidades que ofereciam cursos de licenciatura em língua portuguesa: a UCC, a UEEB, a UEEX, a Universidade de Macau (UM) e o Instituto Politécnico de Macau (IPM).

Em 2000, a UCC recomeçou o curso de licenciatura em língua portuguesa, recebendo uma turma com 33 alunos e, em 2004, 32 deles obtiveram o grau de licenciado. Embora a universidade enfrentasse uma situação difícil, pois tinha apenas um

professor que era ex-tradutor da Rádio Internacional da China, fez parcerias com Portugal e com o Instituto Politécnico de Macau para resolver essas dificuldades. No 3º ano, ou seja, no ano lectivo 2002/2003, a turma separou-se em dois grupos: 15 deles foram para a Universidade de Coimbra, para o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesa com bolsa da Fundação Oriente, e outros 17 foram para Macau, 14 para o Instituto Politécnico de Macau e 3 para a Universidade de Macau, com apoio financeiro do IPOR. Presentemente, a Universidade de Comunicação da China já tem nos seus quadros de pessoal 4 professores chineses de português e 1 professora portuguesa que é mandada pelo Instituto de Camões. Desde 2002, esta universidade começou a receber anualmente alunos para o curso de língua portuguesa (com excepção de 2005). Os alunos da UCC, depois de se formarem, dedicam-se, na sua maioria, a actividades ligadas aos média, empregando-se, por exemplo, na Rádio Internacional da China, na Televisão Central da China, na Agência Nova China, etc¹⁴. A UEEB tem agora 6 professores, sendo que dois deles trabalham na área do ensino da língua portuguesa desde 1961, pelo que se pode afirmar que esta universidade possui ricas experiências no ensino da língua portuguesa e é, no presente, a universidade mais importante no que concerne o ensino da língua portuguesa na China. Desde 1998, esta universidade recebe alunos para o curso da língua portuguesa todos os anos (com excepção de 2001 e 2006), recebendo mais ou menos 24 alunos cada ano¹⁵.

Depois de se formarem, a maior parte dos alunos da UEEB dedicam-se a actividades relacionadas com o sector da política, por exemplo: no Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPC, no Ministério da Cultura da RPC, no Ministério de Comércio da RPC, etc.

A UEEEX também é uma universidade importante para o ensino da língua portuguesa, especialmente no mercado do sul da China. Agora tem 4 professores chineses e um professor português que é mandado pelo Instituto de Camões.

Desde 2005, cada vez mais universidades abrem cursos de licenciatura em língua

¹⁴ Dados fornecidos pela professora Zhang Fangfang e pela professora Yan Qiaorong da UCC na entrevista

¹⁵ Dados fornecidos pelo professor Ye Zhiliang da Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing

portuguesa. Em 2005, na Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin (ULET) e na Universidade de Estudos Internacionais de Beijing (UEIB), foram abertos cursos de língua portuguesa, tendo entre 16 e 24 alunos; neste ano a Universidade de Beijing (UB) abriu também o curso de extensão de língua portuguesa. Em 2007, a Universidade de Beijing recebeu a primeira turma do curso de licenciatura em língua portuguesa, com 10 alunos; neste ano a Universidade de Línguas Estrangeiras de Xi'an (ULEX) também abriu este curso, recebendo 28 alunos. A Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (ULED) abriu o curso em 2008, recebendo 20 alunos em 2008 e 31 em 2009; neste ano a Universidade Normal de Harbin (UNH) abriu também este curso com 20 alunos. Em 2009, a Universidade de Economia e Comércio Internacional (UECI) ofereceu pela primeira vez o curso, tendo este aberto com 11 alunos.

Segundo a análise acima exposta, pode-se concluir que o ensino da língua portuguesa na China tem-se desenvolvido rapidamente nos últimos anos e que esta tendência não parecer querer inverter-se. Pode-se prever que ainda haja mais universidades que queiram abrir o curso de licenciatura em língua portuguesa, por exemplo: a Universidade de Línguas e Culturas de Beijing. Embora os cursos de língua portuguesa se desenvolvam rapidamente, é ainda necessário melhorar muitos aspectos, por exemplo, a organização das aulas, os manuais de apoio, a formação dos professores, aspectos que analisarei a seguir.

**Gráfico IV Ano de início dos cursos de Língua Portuguesa
e número dos alunos por ano**

Universidades	Ano de início do curso de Língua Portuguesa	Números dos alunos por ano*
Universidade de Comunicação da China	1960	± 20
Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing	1961	± 24

Universidade de Estudos Estrangeiros de Xangai	1977	± 20
Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin	2005	± 15
Universidade de Estudos Internacionais de Beijing	2005	± 24
Universidade de Beijing	2007	± 10
Universidade de Línguas Estrangeiras de Xi'an	2007	± 30
Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian	2008	Entre 20 e 30
Universidade Normal de Harbin	2008	± 20
Universidade de Economia e Comércio Internacional	2009	± 10

*os números dos alunos por ano, para as universidades que abriram o curso de Língua Portuguesa antes de 2000, são os números depois de 2000. Antes de 2000, os números dos alunos não foram estáveis.

4.1.3 Os professores

Na actualidade, quase todas as universidades com curso de licenciatura em língua portuguesa enfrentam o problema da falta de professores.

Gráfico V: Corpo docente dos professores de língua portuguesa nas universidades chinesas (Abril de 2010)

Universidades	Número de professores chineses	Número de professores estrangeiros	Número total de professores chineses e estrangeiros	Número total de alunos
Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing	6 (2 licenciados, 4	1 (mestre, português)	7	68

	mestres)			
Universidade de Comunicação da China	4 (1 licenciado, 3 mestres)	1 (licenciada, portuguesa, mandada pelo IC)	5	80
Universidade de Estudos Estrangeiros de Xangai	4 (1 doutor, 3 mestres)	1 (mestre, portuguesa, mandada pelo IC)	5	89
Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin	4 (1 doutor, 3 licenciados)	2 (1 mestre, 1 licenciado, portugueses, mandados pela Universidade de Lisboa)	6	63
Universidade de Beijing	1 (mestre)	1 (mestre, brasileiro)	2	10
Universidade de Estudos Internacionais de Beijing	3 (3 licenciados)	1 (licenciado, brasileiro)	4	66
Universidade de Línguas Estrangeiras de Xi'an	3 (licenciados)	1 (doutor, brasileiro)	4	60
Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian	3 (1 licenciado, 2 mestres)	1 (licenciado, argentino)	4	51
Universidade Normal de Harbin	1 (licenciado)	1 (licenciado, brasileiro)	2	70
Universidade de Economia e Comércio	1 (mestre)	1 (licenciado, português)	2	11

Internacional				
---------------	--	--	--	--

Segundo o gráfico antecedente, calcula-se que a relação professor/aluno, nas diversas universidades, é a seguinte: a UB e a UECI possuem o maior número de professores, sendo a relação de 1 professor para cada 5 alunos; na UEEB e na ULET, cada 10 alunos têm um professor; na ULED cada 13 alunos têm um professor; na ULEX cada 15 alunos têm um professor; na UCC, na UEEX e na UEIB, cada 17 alunos têm um professor e na UNH este número chega aos 35 alunos por professor.

Os dados apontados permitem-nos concluir que na maior parte das universidades há professores suficientes. Na actualidade, só a UNH se encontra com dificuldades motivadas pela falta de professores. Como não têm um corpo docente muito vasto, a UB e a UECI recebem alunos só de quatro em quatro anos para garantir a qualidade do ensino.

No que toca às habilitações literárias dos professores, só duas universidades têm doutores chineses, a UEEX e a ULET. O doutor Liu Yi, da ULET, formou-se na Brown University, nos Estados Unidos, fazendo investigação sobre a sociedade brasileira. A doutora Xu Yixing, da ULET, formou-se da Universidade de Aveiro, na área da linguística. A ULEX tem um doutor estrangeiro. Na actualidade, a UEEB, a UCC e a ULET têm um sistema próprio de formação dos seus professores. Por exemplo: a ULET, cada 2 anos, manda um professor para Portugal para fazer mestrado ou doutoramento; na UCC, todos os anos, um professor vai acompanhar os alunos do 3º ano para o Brasil a fim de fazer mestrado ou doutoramento. A UB e a UECI, na actualidade, não dispõem de nenhum mecanismo específico para formarem os seus professores, mas elas só recebem professores já detentores dos graus de Mestre ou Doutor. As outras universidades ainda não implementaram medidas para formar os seus professores, enfrentando por isso dificuldades para elevar o nível das habilitações literárias dos seus docentes. Uma causa principal desta dificuldade é que essas universidades não têm massa crítica suficiente para que os seus professores desenvolvam aí os seus projectos de mestrado ou doutoramento. Para resolver este

problema, o mais importante é contratar mais professores que gostem de se dedicar à causa da educação. Mas por agora, na China, a profissão docente não é atractiva para muita gente, preferindo as pessoas, por via de regra, trabalhar nas entidades do governo ou nas empresas.

4.2 As disciplinas

Com o objectivo de “formar alunos com conhecimentos científicos e culturais que lhes permitam trabalhar no futuro como tradutores, intérpretes, professores, etc, nos sectores dos assuntos estrangeiros, da educação, da investigação cultural, da economia, do turismo, etc.”¹⁶, as universidades chinesas com Licenciatura em Língua Portuguesa elaboram os seus planos curriculares, cujas disciplinas são seleccionadas com vista à prossecução deste objectivo.

Na actualidade, o ensino da língua portuguesa nas universidades chinesas separa-se sempre em 2 fases: uma fase básica e outra fase avançada. Na fase básica, normalmente os currículos integram aulas de língua portuguesa, de conversação, de laboratório e de outras disciplinas com um cariz igualmente mais prático; na fase avançada, abrem-se sempre turmas de tradução, de história, de interpretação, etc., ou seja, contemplam-se matérias mais especializadas.

As disciplinas nas universidades chinesas separam-se em dois grandes troncos: as disciplinas específicas de língua portuguesa e as disciplinas comuns. Existem também disciplinas opcionais. Segundo «O Plano de Educação de Licenciados da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin», os alunos têm de obter 159 créditos ao longo dos 4 anos do curso.

Gráfico VI: Créditos das Disciplinas

Disciplinas	Créditos	Percentagem
Disciplinas Públicas Obrigatórias	52	32.7%
Disciplinas Públicas Optativas	2	1.3%

¹⁶ «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»; Serviço Académico; Agosto de 2008.

Disciplinas Profissionais Básicas	55	34.6%
Disciplinas Profissionais Obrigatórias	35	22.0%
Disciplinas Profissionais Optativas	4	2.5%
Treino Militar	1	0.6%
Estágio	3	1.9%
Tese	5	3.1%
Pesquisa e Investigação Social	2	1.3%

Fonte dos números: «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»

Segundo o gráfico antecedente, pode-se ver que as disciplinas públicas obrigatórias ocupam quase a mesma percentagem que as disciplinas profissionais obrigatórias. Na China, as disciplinas públicas obrigatórias são as disciplinas de língua inglesa, de política, de língua chinesa, de matemática e de computação, as quais têm graus de utilidade diferente para os alunos, conforme o curso em que estão inscritos. Como a maior parte dos alunos do departamento de português vem das turmas de artes, eles não têm bases suficientes em relação à matemática e à computação, o que os obriga a despende muito tempo de estudo com essas matérias que não lhes são directamente úteis.

4.2.1 As disciplinas tradicionais de PLE nas Universidades

“Seguimos o plano do Departamento da Língua Espanhola, colocamos as disciplinas do curso de português.¹⁷”, assim disse Zhao Xuemei, a directora do Departamento da Língua Portuguesa da Universidade de Economia e Comércio Internacional.

“Seguimos o Departamento da Língua Espanhola, colocamos as disciplinas.” disse o vice-director do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin.

Tal como acontece nas duas universidades acima referidas, a maior parte das Universidades que têm cursos de língua portuguesa na China integram as disciplinas de Português nos departamentos de espanhol. Quase todos os departamentos de língua têm

¹⁷ Anexo II: Entrevista aos responsáveis do Departamento de Língua Portuguesa da UECI, da UCC, da ULED e da ULET

idêntica carga horária lectiva total, por exemplo, o departamento de língua portuguesa tem 3294 horas, o departamento de língua francesa tem 3366 horas, o departamento de língua russa tem 3456 horas.

**Gráfico VII: Plano Geral do Ensino da Língua Portuguesa
na Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin**

Tipo de disciplina		Créditos	Horas	Horas por semana							
				1º se- mes -tre	2º se- mes -tre	3º se- mes -tre	4º se- mes -tre	5º se- mes -tre	6º se- mes -tre	7º se- mes -tre	8º se- mes -tre
Disci- plina s de tronc o comu m	Disciplinas Comuns Obrigatórias	52	1350	22	19	11	9	6	4	4	
	Disciplinas Comuns Optativas	2									
Disci- plina s Profi- ssio- naliz- antes	Disciplinas Básicas de Língua Portuguesa	55	1116	16	14	16	16				
	Disciplinas Obrigatórias de Língua Portuguesa	35	756					14	16	10	4
	Disciplinas Optativas de Língua Portuguesa	4	72								
Total		148	3294	38	33	27	25	20	20	14	4
Práti- ca	Treino Militar	1									
	Estágio	3									
	Tese	5									

	Pesquisa e Investigação Social	2	
Créditos totais		159	

Fonte dos números: «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»

Segundo o gráfico acima, pode-se ver que as disciplinas comuns se concentram nos primeiros dois anos, especialmente no 1º e 2º semestres. As restantes Universidades onde existem cursos de Língua Portuguesa não apresentam diferenças significativas a nível da relação entre os créditos e as horas atribuídas a cada disciplina.

4.2.1.1 Fase básica (1º e 2º ano)

Os objectivos para o ensino da língua portuguesa na fase básica centram-se no ensino de competências gramaticais básicas (incluindo todos os modos e tempos verbais) a fim de que os alunos desenvolvam capacidades básicas de conversação, audição, leitura e escrita. São ainda objectivos desta fase fazer com que os alunos conheçam a situação geral dos países lusófonos e com que desenvolvam a capacidade de trabalhar e investigar de forma autónoma. Todos estes objectivos procuram proporcionar aos alunos bases sólidas que lhes permitam prosseguir os estudos nas fases intermédia e avançada¹⁸.

Ao iniciarem os seus cursos, os alunos chineses desconhecem por completo a língua portuguesa e as suas particularidades quer a nível dos caracteres, quer da fonética, quer ainda da gramática, etc. Este facto, aliado à entropia causada pelas interferências da língua inglesa, determina que os alunos precisem de dedicar muito tempo de estudo à língua portuguesa. Porém, como se pode comprovar pela observação do Gráfico VI, no 1º semestre, os alunos de ULET têm apenas 38 horas de aulas por semana, ou seja, cada aluno tem em média 7.6 horas de aulas por dia, sendo que, destas 38 horas, 22 horas são de disciplinas comuns, ocupando 57.89% das horas, o que deixa poucas horas para o estudo da língua portuguesa. As 22 horas de disciplinas comuns incluem língua inglesa,

¹⁸ «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»; Serviço Académico; Agosto de 2008.

língua chinesa, matemática, política, educação física, educação psicológica, computação, etc, que são definidas pelo Ministério da Educação.

Tal como acontece com o curso de licenciatura em língua portuguesa da ULET, quase todos os cursos de todas as universidades enfrentam problemas idênticos no que concerne o 1º e 2º anos. Mas só os alunos dos cursos de línguas enfrentam mais dificuldades com tantas disciplinas comuns, porque têm de começar a aprendizagem de línguas novas partindo de um patamar de completo desconhecimento. No primeiro ano, os alunos necessitam normalmente de mais de 4 horas de estudo fora das aulas para aprender bem uma língua totalmente nova, o que é um trabalho pesado. Nem todos os alunos têm método e persistência suficientes para levarem a cabo este tipo de trabalho individual e uma parte deles desistem. Como os primeiros anos são uma base para a fase intermédia e avançada, quem não adquirir conhecimentos sólidos nesta fase, não poderá compreender e aprender os conhecimentos e teorias da fase intermédia e avançada. Ora, é sabido que quantas mais dificuldades de compreensão tiver o aluno, mais desmotivado fica face ao estudo.

Na actualidade, alguns especialistas na China já dão importância a este problema e sugeriram que se diminuíssem as disciplinas comuns ou que estas fossem sendo leccionadas ao longo do curso, em vez de serem concentrado no 1º ano. Mas ainda não se chegou a nenhuma conclusão para resolver este problema.

4.2.1.2 Fases Intermédia e Avançada (3º e 4º anos)

Tendo em conta os conhecimentos adquiridos na fase básica, as fases intermédia e avançada procuram desenvolver nos alunos as capacidades de compreensão oral, conversação, leitura e escrita. Ao mesmo tempo, enriquecem-lhes os conhecimentos sobre as culturas, as sociedades, a economia e o comércio dos países lusófonos. Nestas fases, dá-se também importâncias à teoria da língua e à capacidade de tradução e interpretação a fim de os alunos poderem trabalhar como tradutores, intérpretes e noutros

*cargos que exigem um bom domínio da língua portuguesa*¹⁹.

De acordo com a citação acima, depois da fase básica em que os alunos aprendem os fundamentos elementares da gramática, da conversação, da compreensão oral e da composição escrita, essenciais para poder comunicar com as pessoas dos países lusófonos, na fase intermédia e avançada, dá-se mais importância à capacidade de tradução e interpretação, à teoria da gramática, ao conhecimento da sociedade e da cultura. Através destes ensinamentos, os alunos vão obter conhecimentos e capacidades básicos para o seu trabalho futuro.

Nos 3º e 4º anos, as disciplinas comuns só têm 4 ou 6 horas por semana, sendo quase todas de língua inglesa que também é muito útil e importante para os alunos. Por isso, além de ter aulas, os alunos fazem igualmente estágios e investigação nessa altura. No 5º e 6º anos, há 20 horas por semana e as disciplinas de língua portuguesa ocupam 70% e 80%. Todos os dias os alunos têm em média 4 horas dedicadas ao estudo do Português. Fora das aulas, os alunos têm mais tempo para fazer estágio e investigação que fazem parte do Programa Curricular. Isto também é uma maneira de melhorar o nível da língua portuguesa e de obter os conhecimentos úteis para o mercado de trabalho.

As universidades também preferem mandar os estudantes em programas de intercâmbio com as universidades estrangeiras nos 3º e 4º anos. Por um lado, os alunos já têm conhecimentos básicos sobre a língua portuguesa, que lhes permitem viver e continuar a estudar nos países lusófonos (na actualidade Portugal e o Brasil); por outro lado, as disciplinas comuns são poucas nesses dois anos, mantendo-se só a língua inglesa, que se pode aprender também nas universidades estrangeiras.

É necessário falar também sobre um fenómeno que se tem verificado nos últimos anos, e que afecta os estudantes de 3º e 4º anos dos cursos da língua portuguesa: na verdade, os alunos começam a participar em estágios remunerados nesses dois anos em que não há muitas aulas. Como consequência, uma parte dos alunos acha que ganhar dinheiro no estágio é mais importante do que ir às aulas e, por isso, a taxa de absentismo dispara. Mas a teoria da gramática, da tradução e da interpretação dos 3º e 4º anos são úteis e

¹⁹ «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»; Serviço Académico; Agosto de 2008.

importantes para o trabalho no futuro. Usar-se folha de presença é uma maneira de resolver este problema. Testes e trabalhos em grupo nas aulas que façam parte da nota final também podem ser estratégias para resolver esta questão

4.2.1.3 A importância da leitura intensiva para o ensino/aprendizagem de PLE

Aula de leitura intensiva, ou seja, aula de língua portuguesa, constitui o núcleo das disciplinas do curso de licenciatura em língua portuguesa.

Jiang Yaming, a directora da Faculdade das Línguas Europeias da ULET, afirmou o seguinte: *aula de leitura intensiva é uma disciplina básica e muito importante para as outras disciplinas. Os alunos não só aprendem língua nesta aula, mas também adquirem conhecimentos sobre diplomacia, negócios, leis, tecnologia, cultura, etc. Através disso, os alunos vão desenvolver as suas capacidades de estudar, de pensar de forma independente, de analisar e de fazer investigação, capacidades essas que lhes serão úteis para o trabalho que realizarão no futuro.*

Segundo as palavras da directora Jiang, pode avaliar-se a importância da leitura intensiva. Nos 1º ano e 2º anos do curso de língua portuguesa da ULET, em cada semana há 8 horas da leitura intensiva, ocupando esta 50% das horas das disciplinas profissionais; este número chega 62.5% na ULED.

Gráfico VIII: Percentagem das horas das disciplinas de língua portuguesa, por semana, na ULET

Disciplina da área científica da língua portuguesa	Horas do 1º ano	Percentagem	Horas do 2º ano	Percentagem
Língua Portuguesa	8 horas	50%	8 horas	57.14%
Laboratório	2 horas	12.5%	2 horas	14.29%
Leitura	2 horas	12.5%	2 horas	14.29%

Extensiva				
Conversação	4 horas	25%	2 horas	14.29%

Gráfico IX: Percentagem das horas das disciplinas de língua portuguesa, por semana, na ULED

Disciplina da área científica da língua portuguesa	Horas do 1º ano	Percentagem	Horas do 2º ano	Percentagem
Língua Portuguesa	10	62.5%	10	62.5%
Laboratório	4	25%	4	25%
Conversação	2	12.5%	2	12.5%

Como os professores seguem uma metodologia fixa para ensinar a leitura intensiva (explicação do texto, explicação da gramática, aplicação prática através de exercícios, este tipo de aprendizagem torna-se demasiadamente passivo, ou seja, os alunos limitam-se a receber passivamente os conhecimentos. As consequências deste tipo de ensino determinam que os alunos chineses percebam bem todos os conhecimentos mas não os conseguem usar ou não os usam bem em contextos reais de comunicação. Como mudar a metodologia de ensino de um paradigms passivo para outro activo, não é fácil. Colocar os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem e não os professores, é um problema a resolver que carece de uma investigação profunda.

4.2.1.4 As disciplinas de conversação e de laboratório

Segundo os Gráficos VII e VIII, as disciplinas de laboratório e de conversação ocupam metade ou menos de metade das horas totais. No *Inquérito aos alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas*

*Estrangeiras de Tianjin*²⁰, a maior parte dos alunos escolheram conversação ou laboratório como a disciplina mais difícil.

Gráfico X: Resultados do inquérito sobre as disciplinas mais difíceis e sobre as mais práticas

Disciplina	Mais difícil	Mais prática
Leitura Intensiva	7 (24.14%)	8 (27.59%)
Leitura Extensiva	7 (24.14%)	1 (3.45%)
Laboratório	15 (51.72%)	14 (48.28%)
Conversação	4 (13.79%)	24 (82.76%)

Em oposição ao número de horas totais concedido a cada disciplina, 51.72% dos alunos acham que o laboratório, que ocupa 12.5% no 1º ano e 14.29% no 2º ano das horas totais, é a disciplina mais difícil. E 82.76% dos alunos acham que a conversação, que ocupa 25% no 1º ano e 14.29% no 2º ano das horas totais, é a disciplina mais prática.

Como interpretar estes resultados contrários? Por um lado, os alunos não conhecem bem a importância do papel básico da leitura intensiva. Por outro lado, de facto, a leitura intensiva permite fazer um treino de audição e de conversação que pode ser colocado na disciplina de laboratório e conversação.

O Departamento de Língua Portuguesa de ULET já fez esta tentativa. Em 2006, quando entraram 16 alunos no 1º ano, a universidade não tinha professores qualificados suficientes: tinha só uma professora chinesa, mais 2 professores portugueses e 2 alunos portugueses que ajudavam os alunos chineses a praticar conversação 2 vezes por semana. Essa professora chinesa tinha bastante trabalho, já que não só ensinava língua, mas também fazia o trabalho administrativo do Departamento de Língua Portuguesa. Como tal, Sun Lam, a directora do departamento, e Jiang Yaming, a directora da Faculdade das Línguas Europeias,

²⁰ Anexo I: Inquérito aos alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin, num total de 29 alunos que participaram.

discutiram e chegaram a uma conclusão: dividir as horas da leitura intensiva do 1º ano em duas partes, 4 horas leccionadas pela professora chinesa e 4 horas leccionadas pela professora portuguesa.

“Foi a primeira vez que se fez esta tentativa. A leitura intensiva tinha sido sempre ensinada por professores chineses, tanto na Faculdade de Línguas Europeias como na Faculdade de Línguas Asiáticas. Separámos as 8 horas em duas partes, 4 horas leccionadas pela professora chinesa, a qual ensina principalmente gramática; e 4 horas leccionadas pela professora portuguesa, que ensina principalmente fonética. No início, tivemos muito receio de que os alunos não compreendessem a professora portuguesa. Um ano depois, concluímos que os alunos tinham uma pronúncia mais correcta e uma maior capacidade de compreensão oral, quando comparados com os alunos da turma de 2005 no 1º ano. Podemos dizer que estas 4 horas de fonética tiveram efeitos positivos a nível da conversação e da compreensão oral, porque os alunos aprenderam e praticaram mais nessas áreas”, referiu Jiang Yaming que acrescentou ainda, “Se tiver professores portugueses suficientes, o Departamento de Língua Portuguesa vai continuar a usar este método.”

O sucesso desta opção pode também ser comprovado através dos testemunhos dos próprios estudantes. Wang Mingsheng, aluno da turma de 2006, afirmou o seguinte: *“No início sentia dificuldade em compreender a professora portuguesa, mas não desisti e procurei continuar a compreendê-la e a falar com ela. Um mês depois, já estava perfeitamente acostumado.*

4.2.1.5 As vantagens e as desvantagens das disciplinas tradicionais

Vantagens: Um plano de estudos baseado nas disciplinas tradicionais pode oferecer aos alunos uma melhor formação gramatical de base. Depois da formação dos primeiros anos, os alunos têm sempre aulas que lhes permitem sistematizar os conhecimentos da gramática da língua portuguesa. Normalmente depois dos primeiros dois anos de formação, os alunos podem compreender artigos de jornal e textos literários não muito complexos, sendo igualmente capazes de entender cerca de 40 palavras por minuto, e de fazerem um pequeno comentário oral. O plano curricular tradicional dá mais importância

ao treino da gramática, da leitura e da escrita.

Desvantagens: Como há poucas aulas de conversação e de laboratório, os alunos são fracos no que concerne as competências de falar e ouvir. Alguns têm vergonha de falar. Outros não conseguem compreender o que a professora portuguesa diz e não gostam de falar. Por isso, quando eles vão para Portugal, para fazer o 3º ano, no início, muitos deles têm dificuldade em compreender professores portugueses, e embora eles saibam bem gramática, só podem frequentar uma turma elementar para assim melhorarem as suas habilidades em termos de prática conversacional e de compreensão oral.

4.2.2 As disciplinas de tradução e interpretação, um trabalho intercultural

Gráfico XI: Horas e Percentagem das disciplinas de Tradução e Interpretação do Curso de Língua Portuguesa na ULET

Disciplina	5º semestre	6º semestre	7º semestre	8º semestre
Tradução	2h (14.29%)	2h (12.5%)	4h (40%)	2h (50%)
Interpretação	0h (0%)	2h (12.5%)	2h (20%)	2h (50%)
Horas totais por semestre	14h	16h	10h	4h
Percentagem total de Tradução e Interpretação	14.29%	25%	60%	100%

“Através da disciplina de tradução, pretende-se que os alunos adquiram capacidade para traduzir textos literários de complexidade reduzida, artigos políticos, económicos, culturais, diplomáticos e tecnológicos, utilizando uma linguagem correcta e apropriada. Devem ser capazes de traduzir 200-250 palavras ou 150-200 caracteres por hora²¹.”

“Através da disciplina de interpretação, os alunos devem desenvolver a capacidade de

²¹ «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»; Serviço Académico; Agosto de 2008.

*interpretar conversas/exposições orais sobre política, diplomacia, cultura, economia, tecnologia, etc, usando palavras e expressões correctas e adequadas*²².”

Com a meta de formação referida em cima, segundo o Gráfico X, podemos ver que a percentagem das disciplinas de interpretação e tradução cresce nos últimos 4 semestres, até chegar a 100% no 8º semestre. Isto mostra a posição importante destas duas disciplinas. Porque depois de se formarem, a maior parte dos alunos vão trabalhar como tradutores e intérpretes durante alguns anos, estas duas disciplinas são importantes para eles.

Mas para os professores, ensinar bem estas duas disciplinas não é tarefa fácil, pois trata-se de áreas que exigem uma abordagem intercultural. O Português e o Chinês são línguas de duas culturas muito distintas: as culturas ocidental e oriental, respectivamente. A civilização portuguesa foi fortemente influenciada pela civilização romana, ao passo que a civilização chinesa é baseada no confucionismo. Isto está na origem das diferenças de pensamento entre os chineses e os portugueses. Por isso, tem igualmente implicações a nível das práticas de tradução e interpretação.

Os principais problemas a nível da tradução e interpretação revelados pelos alunos são os seguintes: utilização de termos desadequados ou desnecessários, dificuldades com a construção da estrutura das frases, dificuldades em traduzir conteúdos culturais como provérbios, histórias religiosas, significados simbólicos de números, de cores, de animais, etc).

*Vigorous writing is concise. A sentence should contain no unnecessary words, a paragraph no unnecessary sentences, for the same reason that a drawing should have no unnecessary lines and a machine no unnecessary parts*²³. Estas palavras definem a importância da concisão dum artigo. Mas “*Almost every text that has been translated into English from Chinese, (or that has been written directly in English by a native speaker of Chinese) contains unnecessary words. Draft translations are commonly fully of them, and even polished final versions are seldom free of them*²⁴.” Quando os alunos chineses

²² «Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin»; Serviço Académico; Agosto de 2008.

²³ William Strunk, Jr. and E.B. White, *The Elements of Style*, p. 23

²⁴ Joan Pinkham with the collaboration of Jiang Guihua, *The Translator's Guide to Chinglish*, p. 1

escrevem em português, cometem também os mesmos erros na tradução e interpretação chinês-português e português-chinês.

Os problemas verificados a nível da estrutura das frases decorrem, por via de regra da utilização de termos desnecessários ou desadequados. Existem vários erros frequentes a que os alunos têm que dar atenção. Por exemplo: separar frases que têm relação entre si, usar estruturas tão complicadas que impedem a compreensão, etc. Os erros que se prendem com a estruturação frásica são erros muito enraizados, pois são determinados por hábitos específicos de pensamento

Os problemas causados pelo desconhecimento de dados culturais da civilização alvo relacionam-se, por exemplo, com as expressões idiomáticas ou com as formas fixas. Se o tradutor/intérprete lhes desconhecer o sentido, vai traduzi-las de forma a desprovê-las de sentido, tornando-as incompreensíveis. Assim, por exemplo, existe em chinês o provérbio “tocar um instrumento à frente dum boi”, o qual significa “dar pérolas a porcos”. Se for feita uma tradução literal deste provérbio do chinês para o português, o provérbio perde completamente o seu sentido, não sendo possível entendê-lo. Se o mesmo for traduzido através de uma paráfrase como “dar uma coisa preciosa a quem não a compreende”, tal tradução faz sentido, mas perde o carácter aforístico que tem em Português. Logo, a melhor tradução é “dar pérolas a porcos”, pois trata-se de dois provérbios equivalentes que mostram a cultura dos dois países.

Todavia, não é possível corrigir erros desta natureza num curto prazo, para os professores, é um trabalho contínuo. E os professores têm que ter paciência, e corrigir continuamente os erros que vão detectando.

Para corrigir eficazmente esses erros relacionados com pensamentos e culturas diferentes de dois continentes, é melhor misturar os alunos e os professores portugueses e chineses na mesma turma.

Tradução: no que respeita à disciplina de tradução, que precisa da orientação da teoria dos professores, revela-se útil misturar os alunos chineses e portugueses na mesma turma. Como é uma disciplina que precisa de muita prática, depois de o professor ensinar a teoria, os alunos vão gastar muito tempo a praticar em vários tipos de artigos, por exemplo: carta, notícia, protocolo, etc. Se se fizerem grupos de dois, um chinês e um português, os alunos

vão aprender muito na prática de tradução, respeitando nos seus textos as exigências pragmático-culturais.

Interpretação: quanto à disciplina de interpretação, que precisa também muito de práticas além da teoria, é aconselhável que a mesma seja leccionada conjuntamente por dois professores, um chinês e um português. A interpretação é mais difícil do que a tradução, não só porque o intérprete dispõe de pouco tempo para reflectir e organizar o seu pensamento, mas também porque o intérprete tem que perceber bem o que o falante diz e normalmente não há tempo para repetições. Como esta disciplina treina principalmente a capacidade de interpretar conversas, os dois professores representam as duas partes da conversa e os alunos interpretam. Desta maneira, treina-se ao mesmo tempo a capacidade de organizar frases num curto espaço de tempo, e também se treina a compreensão oral dos alunos.

4.3 A mudança prevista das disciplinas tradicionais

Quase todos os alunos da geração dos anos 80 passaram uma época em que a disciplina de Língua Inglesa foi uma disciplina obrigatória e eles tiveram que obter aprovação no CET4 (College English Test Level 4). Caso não conseguissem superar essa prova, não obtinham o grau de licenciatura. Todos eles começaram a aprender a Língua Inglesa desde o 4º ou 5º ano na escola primária, continuando esse estudo até ao 3º ano da universidade. No entanto, os conhecimentos por eles adquiridos apenas visavam a realização do exame, não se traduzindo numa capacidade real para comunicar com os estrangeiros. Mas, do ponto de vista das competências de recepção escrita, estes estudantes tinham um bom nível, já que tinham bons conhecimentos a nível do léxico do inglês, sendo mesmo capazes de ler jornais ou revistas nessa língua. Chama-se este fenómeno “inglês mudo”.

Nos últimos anos, com o desenvolvimento das metodologias do ensino das línguas estrangeiras na China, cada vez mais educadores reconhecem que o ensino com sucesso das línguas estrangeiras não significa apenas que os alunos possam ler e escrever, mas significa também que eles possam comunicar nestas línguas com os estrangeiros. Por isso, nos últimos anos, o método comunicativo, que tem por

objectivo principal treinar a capacidade de falar e de ouvir dos alunos, tem-se tornado cada vez mais popular.

A abordagem comunitiva pode-se aplicar em todas disciplinas, incluindo Língua, Conversação, Laboratório, Gramática, Tradução/Interpretação.

4.3.1 Língua (Leitura Intensiva)

Na China, a disciplina de Língua Portuguesa (Leitura Intensiva) é uma disciplina mais teórica. Como se analisou em ponto anterior, na aula de Língua, os professores são a figura principal, adoptando um método expositivo sem interacção com os estudantes a quem cabe, sobretudo, ouvir e tomar notas. Isto é um modelo normal da aula de Língua na China. Parece que é difícil mudar este modelo. Mas de facto, embora seja um aula teórica, existe espaço para a tornar mais interactiva, treinando competências comunicativas. Apresentam-se, de seguida, algumas sugestões nesse sentido:

- a. Aquando da introdução de vocabulário novo, depois de explicar os contextos em que as novas palavras se usam, os professores podem pedir aos alunos que as utilizem em situações de interacção oral criadas por eles. Este processo terá a vantagem de aumentar a capacidade de retenção dos alunos que associarão o novo termo a um contexto linguístico-pragmático específico.
- b. Quanto à componente estrutural da língua, nomeadamente naquilo que se refere à conjugação verbal, normalmente os professores pedem aos alunos que conjuguem os paradigmas verbais nos diferentes tempos e modos. Seria porém mais vantajoso colocar-lhes desafios linguísticos que os obrigassem a usar correctamente essas estruturas da língua (por exemplo, relatarem acções realizadas no dia anterior ou no tempo da sua infância para treinarem os usos do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito do indicativo; ou ainda fazerem pequenas simulações teatrais nas quais sejam obrigados a usar as estruturas gramaticais que vão sendo apresentada).

Os exemplos acima apresentados pretendem apontar perspectivas de evolução para o futuro. Porém, estas mudanças precisam da cooperação dos alunos que já se acostumaram aos métodos tradicionais de ensino da língua portuguesa. Como

desenhar uma aula e como incentivar os alunos chineses a falar, sendo que por tradição eles evitam responder a perguntas e expor os seus pontos de vista em aula, eis um interessante desafio para o desenvolvimento de uma metodologia actualizada de ensino do Português a chineses.

4.3.2 Conversação

A disciplina de Conversação integra o nível inicial dos currículos de português na China e destina-se a treinar as capacidades de comunicação oral dos alunos. Como se analisou em “4.1.2.4 as disciplinas de conversação e laboratório”, a Conversação é uma disciplina que treina principalmente a capacidade de falar, que os alunos acham que é muito prática.

Na China, esta disciplina é ensinada normalmente por professores estrangeiros. Os professores estrangeiros baseiam cada uma das suas aulas num tópico prático de comunicação como, por exemplo, pedir a direcção, ir ao supermercado, tomar um transporte público na estação de comboio, no aeroporto, etc, para os alunos treinarem usos quotidianos e registos informais da língua. Surgem alguns aspectos para melhorar:

- a. Normalmente os professores estrangeiros pedem aos alunos para fazerem diálogos em grupos. Nas conversações em grupos, os alunos que têm vergonha de falar, desempenham sempre no diálogo papéis pouco relevantes. Neste caso, os professores têm que dar indicações claras sobre o que pretendem de cada papel e do número mínimo de interacções esperadas por parte de cada participante. Só assim se poderá minorar os efeitos da timidez de alguns estudantes.
- b. No fim do semestre, os alunos ficam geralmente em posse de muitos conhecimentos. Mas como não existe um ambiente linguístico propício ao uso da língua portuguesa na China, é fácil eles esquecerem o que aprendem. Por isso, seria importante que os tópicos de conversação não fossem introduzidos de forma acumulativa, mas antes integrativa, isto é, que cada novo tópico obrigasse à reutilização do tópico precedente, alargando assim, num processo de constante reutilização, os conhecimentos e as capacidades comunicativas dos alunos.

- c. Os professores podem ainda criar condições para que os usem fora das aulas o que aprendem todos os dias. Na China, os alunos da mesma turma moram sempre no mesmo dormitório, que tem normalmente 6 alunos. Assim, seria interessante que entre eles, usassem a Língua Portuguesa para comunicar. Neste processo, os professores desempenhariam um papel de “assistente”, incentivando esta prática e esclarecendo-lhes as dúvidas.

4.3.3 Laboratório

Laboratório também é uma disciplina pertencente ao currículo básico do ensino da Língua Portuguesa, destinando-se a treinar a capacidade de audição e comunicação com os estrangeiros. Além de Conversação, esta disciplina também é uma disciplina que os alunos acham muito prática. Actualmente, na China, os professores ensinam esta disciplina recorrendo à audição de cd's ou cassetes ou à projecção de filmes para os alunos ouvirem e verem, fazendo depois exercícios destinados a avaliar o grau de compreensão oral dos estudantes. Também a este nível há aspectos a melhorar:

- a. Os cd's, cassetes e vídeos escolhidos pelos professores têm conteúdos diversos e apresentam textos pertencentes a tipos muito diversos como entrevistas, diálogos, narrativas, notícia, etc., normalmente de pequena extensão. Tradicionalmente os professores passam sempre 3 vezes um texto/diálogo/notícia, colocando depois perguntas sobre ele aos alunos. Esta metodologia é, porém, muito rígida. Como alguns textos são mais fáceis e outros mais difíceis, era mais produtivo adequar o número de audições ao grau de dificuldade dos mesmos. Também era importante que os professores não se limitassem a dar eles próprios a resposta correcta quando os estudantes se mostram incapazes de a encontrar; seria muito mais produtivo guiarem a atenção dos alunos, dando-lhes pistas para que consigam retirar a informação necessária dos textos, não se esquecendo nunca de permitir uma última audição de verificação. Na verdade, os professores de Laboratório não devem ser “máquinas de passar cassetes e ler as respostas”, eles podem desempenhar um papel importante no controlo da aula e no desenvolvimento das competências de compreensão oral dos alunos.

b. Como para os aulos de Laboratório só são reservados dois blocos lectivos por semana, os alunos, se dependerem apenas do que aprendem nestas duas aulas, vão fazer poucos progressos. Por isso, as práticas fora da aula também são importantes. Na China, muitos alunos dos cursos das línguas estrangeiras gostam de se levantar cedo para ouvir notícias. Parece que é um bom hábito. No entanto, muitos deles não melhoram efectivamente a sua competência de compreensão oral. Tal deve-se fundamentalmente ao facto de esses exercícios serem feitos sem um real empenho por parte dos alunos que não dedicam à audição de notícias a atenção desejável. Para desenvolver a capacidade de atenção, os ditados são um bom exercício. Porém, embora nas aulas os professores façam ditados, o tempo dedicado a esta actividade não é suficiente. Como tal, seria útil que os alunos fizessem este tipo de exercício também fora das aulas, por exemplo, eles podem ouvir textos, canções, diálogos, etc. O facto de fazerem estes exercícios fora das aulas vai-lhes permitir adequar o número de audições às suas necessidades particulares, possibilitando-lhes assim corrigir os seus erros e confirmar os seus progressos. Este é um processo moroso e que exige muito empenhamento da parte dos alunos; todavia, os resultados serão garantidamente animadores. Os professores têm aqui um papel activo em incentivar e motivar os estudantes, cabendo-lhes ainda diversificar o leque de propostas para a realização destes exercícios: além de notícias, canções, diálogos, os contos prestam-se também à realização destas tarefas. Por exemplo, uma obra como *O Príncipezinho*, que tem muitos capítulos, pode ser sugerida pelo professor: os estudantes podem fazer o ditado de um capítulo por semana e, no fim do semestre, terão reconstituído toda a narrativa.

4.4 Os manuais e outros materiais

Na actualidade, há poucos manuais publicados na China continental para ensinar a língua portuguesa. Antes de 2000, no mercado chinês de publicações, só havia 7 livros (incluindo um dicionário) para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

**Gráfico XII: As Publicações sobre a Língua Portuguesa
na China Continental antes de 2000**

Título	Autor	Editora	Ano
A Pronúncia da Língua Portuguesa	Xu Yixing	Editora Shanghai Wai Yan She	1985
Dicionário Conciso Português-Chinês	Zhou Hanjun, Wang Zengyang, Zhao Hongling, Cui Weixiao	Editora Shang Wu	1994
As 300 Frases Portuguesas	Wang Hongyu, Wang Haixiang	Editora Beijing Da Xue	1997
Dicionário Conciso Chinês-Português	Wang Suoying, Lu Yanbin	Editora Shanghai Wai Yan She	1997
Gramática Concisa da Língua Portuguesa	Cai Ziyu, Lin Guang	Editora Shang Wu	1998
Gramática da Língua Portuguesa	Wang Suoying, Lu Yanbin	Editora Shanghai Wai Yan She	1999

Estes livros não eram suficientes para o ensino da língua portuguesa na China. Por isso, naquela época, os professores não tinham materiais em número adequado e encontravam dificuldades no ensino da língua portuguesa. Eles usavam os manuais editados em Portugal, como por exemplo o «Português sem Fronteira», em três volumes, ou o «Português ao Vivo», também com 3 volumes. Além destes materiais, cada universidade usou os manuais redigidos pelos seus professores. Naquela época, os departamentos de língua portuguesa das universidades não comunicavam entre si, todos achando que só eles tinham direito a usar os livros redigidos por eles próprios, porque estes livros não eram publicados.

Porque é que estes livros redigidos pelos próprios docentes de Português não são

publicados? Há 2 razões.

- a. Embora os professores usassem os livros redigidos por eles, tais livros careciam de sistematização de conteúdos, bem assim como de uma revisão científica apropriada. Estas deficiências, no entanto, eram minorizadas em contexto de aula através das explicações dos professores que podiam assim minorar os efeitos daquelas falhas de sistematicidade e rigor científico.
- b. As editoras não têm interesse em publicar um livro na China, que tem 1300 milhões de habitantes, sabendo que só um reduzido número de pessoas o vão comprar. Tal facto opõe-se à lógica editorial do lucro.

Depois de 2000, acompanhando a abertura de cada vez mais cursos de língua portuguesa em várias universidades, surgiram mais livros sobre a língua portuguesa na China continental.

**Gráfico XIII: As Publicações sobre Língua Portuguesa
na China Continental depois de 2000**

Título	Autor	Editora	Ano
Diocionário Português-Chinês	Li Junbao e outros	Editora Shang Wu	2001
Glossário Chinês-Português de Termos Usuais	Li Junbao, Huang Huixian, Zhou Yaming	Editora Wai Wen	2002
Português Turístico	Wang Hongyu	Editora Beijing Da Xue	2003
Português num Instante	Ye Zhiliang, Zhao Hongling	Editora Wai Yan She	2007
Dicionário Universitário com Sinónimos	Liu Yi	Editora Shandong Ke Xue Ji Shu	2007
Temas Económico-Comerciais	Ye Zhiliang	Editora Wai Yan Seh	2008

em Português			
Dicionário Temático Português-Chinês-Inglês	Liu Yi	Editora Beijing Yu Yan Da Xue	2008
Manual Prático de Morfologia da Língua Portuguesa	Yu Xiang	Editora Wai Yan She	2009
*Português para o Ensino Universitário I	Ye Zhiliang	Editora Wai Yan She	2009
*Português para o Ensino Universitário II	Ye Zhiliang	Editora Wai Yan She	2010

* Estes dois livros vieram substituir o compêndio «Português Elementar», escrito por Wang Zengyang, sendo actualmente os manuais mais utilizados em todas as universidades chinesas que têm cursos de língua portuguesa.

Segundo o Gráfico XIII, nos últimos anos, cada vez mais gente se dedica à redacção de livros destinados ao ensino da língua portuguesa. Esta tendência vai continuar nos próximos anos com o estreitamento das relações entre a China e os países lusófonos, tal como decorre da análise feita no primeiro capítulo deste trabalho. Ao mesmo tempo, também surgiram no mercado mais livros portugueses para o ensino da língua, como por exemplo: «*Português XXI*», «*Olá! como está?*», «*Gramática Activa*», e «*Aprender Português*». Dentre estes livros portugueses, o método «Aprender Português» é o mais recente e cada um dos seus três volumes está organizado por forma a adequar-se aos perfis definidos no âmbito do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL). Há que salientar ainda que a UCC começou a usar pela primeira vez os livros brasileiros, «*Avenida Brasil*» e «*Interagindo em Português*» como compêndios para o ensino da língua portuguesa na China.

Os novos manuais chineses têm quase todas explicações sistemáticas sobre a gramática portuguesa, enquanto os manuais portugueses abordam de forma mais rápida e menos aprofundada tais aspectos. Num compêndio chinês para universitários, os alunos vão aprender sistematicamente todos os modos e tempos da língua portuguesa em dois anos. Normalmente, o método utilizado nas universidades

chinesas consiste no seguinte: durante uma semana, os alunos estudam um único tempo, por exemplo, o presente do indicativo. Mas nos compêndios portugueses, os tempos e modos misturam-se, sendo vários conteúdos gramaticais apresentados ao mesmo tempo, ainda que se proponha uma abordagem mais dilatada no tempo dos mesmos. A causa explicativa desta diferença, como já se referiu no capítulo 2, reside nas diferenças dos pensamentos orientais e ocidentais. Por isso, quando os compêndios portugueses são usados pelos professores chineses, eles servem sobretudo como compêndios auxiliares na aula da leitura intensiva, em que os alunos aprendem principalmente a gramática da Língua Portuguesa. Todavia, noutras aulas mais práticas, por exemplo, laboratório, conversação, os compêndios portugueses são utilizados como método principal. Porque as metas dessa disciplinas práticas são treinar as capacidade de conversação e audição, mas não aprender a gramática. E, como tal, socorrem-se de métodos com documentos autênticos ou fabricados nos países em que o Português é língua materna.

Gráfico XIV: Os manuais usados nos cursos de língua portuguesa nas universidades chinesas

Universidade	Disciplinas e manuais			
	Língua	Conversação	LAB	Composição
UEEB	1.Livros redigidos pelos professores da Universidade 2.«Gramática Activa»*	Materiais escolhidos pelos professoeres estrangeiros	«Português sem Fronteiras»*	Livros redigidos pelos professores da universidade
UEEX	Livros redigidos pelos professores da Universidade	Materiais escolhidos pelos professores estrangeiros	«Português sem Fronteiras»*	Livros redigidos pelos professores da universidade
UCC	1.livros redigidos	Materiais	Os materiais e	Livros redigidos

	pelos professores da universidade 2.«Avenida Brasil»* 3.«Interagindo em Português»*	escolhidos pelos professores estrangeiros	cassetes da Rádio Internacional da China	pelos professores da universidade
UJET	1.livros redigidos pelos professores da universidade 2. «Português sem Fronteiras»* 3. «Gramática Activa»*	Materiais escolhidos pelos professores estrangeiros	1.«Olá! Como está?»* 2. «Português XXI»*	Livros redigidos pelos professores da universidade
ULED	1.livros redigidos pelos professores da universidade 2. «Português sem Fronteiras»*	Materiais escolhidos pelos professores estrangeiros	Livros redigidos pelos professores da Universidade	Livros redigidos pelos professores da universidade

* os livros originais de Portugal

4.5 A avaliação: Os métodos de avaliação

A avaliação é um meio de aferir as aprendizagens realizadas pelos estudantes e de definir os níveis por eles atingidos. Na actualidade, não existe um critério comum para fazer a avaliação do curso de licenciatura em língua portuguesa na toda China. Cada universidade adopta um método e usa instrumentos diferentes para fazer a avaliação.

Gráfico XV: Métodos/Instrumentos de avaliação do curso de língua portuguesa usados nas várias universidades

Universidade	Método de Avaliação
--------------	---------------------

UEEB	Exame final de cada semestre: 100%
UEEX	Exame a meio do semestre:50%; Exame final: 50%
UCC	Testes mensais: 25%; Exame final 60%; trabalhos: 15%
ULET	Testes contínuos e trabalhos: 30%; exame final: 70%
ULED	Testes contínuos e trabalhos: 20%; exame final; 80%
UECI	Exame a meio do semestre: 50%; exame final; 50%

4.5.1 As características da avaliação

O Gráfico XV mostra os métodos/instrumentos de avaliação utilizados em 6 universidades. Os métodos podem agrupar-se em dois subtipos:

I. A UEEB, a UEEX e a UECI usam os exames como único método de avaliação. Este método baseia-se na realização de um ou dois exames através dos quais, de forma sistemática e detalhada, se avaliam as aprendizagens realizadas e as competências adquiridas pelos alunos a nível da gramática, da compreensão oral, da conversação, da composição e da tradução, de acordo com parâmetros e critérios que analisarei em 4.6.

II. A UCC, a ULET e a ULED praticam uma avaliação mais contínua na qual aos exames se juntam os trabalhos realizados pelos alunos como instrumentos da avaliação. Assim, a nota final dum aluno inclui duas partes: a nota do exame final e a nota contínua. A nota do exame coincide com o nível atingido pelo aluno nessa prova sumativa; a nota da avaliação contínua baseia-se em vários instrumentos, incluindo a presença nas aulas, os trabalhos individuais, os trabalhos em grupo, a participação nas aulas, etc. Este método de avaliação é mais abrangente porque tem em conta vários aspectos do percurso de aprendizagem do estudante, não se limitando a atribuir-lhe a nota obtida numa única prova, ainda que esta tenha várias componentes.

Nos últimos anos, nas universidades e escolas secundárias tem-se realizado uma reforma no processo de avaliação, tendendo esta a ser, progressivamente, contínua e baseada em vários elementos que não apenas a nota do exame final. Porém, como esta reforma não teve um carácter obrigatório, algumas Universidades adoptaram-na, mas

outras não.

4.5.2 Os problemas existentes a nível do processo de avaliação

O método utilizado pela UEEB, pela UEEX e pela UECI tem várias fragilidades que a seguir se apresentam:

- a. Às vezes este método não representa realmente o nível de língua dum aluno, pois, baseando-se apenas numa ou duas provas, pode ser injusto para o aluno, caso ele não consiga nesses exames fazer prova dos seus reais conhecimentos.
- b. A aprendizagem das línguas é um processo contínuo que se desenvolva todos os dias. Com um método de avaliação baseado apenas em exames, muitos alunos só revêem as lições com 2 semanas de antecedência relativamente aos exames. Ora, segundo os ensinamentos transmitidos pela psicologia, a memória humana subdivide-se em dois tipos: memória de curto prazo e memória de longo prazo. As memórias de curto prazo são aquelas informações que não precisam de ficar sempre na cabeça, já que, uma vez utilizadas, perdem o seu valor, sendo por isso rapidamente esquecidas. As memórias de longo prazo são as informações que se usam sempre e permanecem na cabeça por toda vida ou por muito tempo. O que os alunos estudam com duas semanas com antecedência em relação ao exame gera informações que servem apenas para esse exame; são, por isso, memórias de curto prazo que não permanecerão como aprendizagens definitivas. Estes alunos talvez obtenham boas notas no exame, mas não conseguem usar bem a língua (em 4.6 - análise dos exames finais - vou analisar as razões pelas quais esses alunos podem ter boas notas nos exames).

O método que a UCC, a ULET e a ULED adoptam para avaliação também tem problemas dentre os quais destaco os seguintes:

- a. Só na UCC, o exame final vale 60% na nota total; nas outras duas universidades tal percentagem sobe para 70% e 80%. A percentagem da nota do exame na nota final ainda ocupa uma grande parte, e a percentagem da nota contínua ocupa uma pequena parte. Embora a nota contínua inclua muitos aspectos, como testes mensais, trabalhos de casa, participação nas aulas, presença nas aulas, trabalhos

em grupo, a percentagem que lhe é atribuída é inferior a 50%. Sugere-se que esta percentagem chegue pelo menos aos 50%, havendo assim maior equilíbrio nos factores de ponderação.

- b. Uma parte dos alunos que tem por objectivo apenas a passagem não vai estudar bastante. Na China, quase em todas as turmas de língua portuguesa há este tipo de alunos com expectativas baixas, para os quais o importante é obter nota de passagem, sem investirem verdadeiramente na sua formação académica. Assim, estes alunos são pouco autónomos, dependendo sempre de outros para fazer os trabalhos de casa, os trabalhos em grupo e as demais tarefas que lhes são exigidas. Este sistema de avaliação permite aos alunos estudarem apenas para obter o mínimo de pontos necessários à sua aprovação. Para ultrapassar este problema, os professores precisam de gastar tempo a motivar os alunos para a aprendizagem da língua e a ajudá-los a desenvolver um apurado sentido de responsabilidade e autonomia.

4.6 Análise dos exames finais de Língua e Leitura Extensiva, tomando como exemplo os alunos do 1º ano da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin

Uma grande diferença entre a educação chinesa e a estrangeira consiste no apelo à expressão de ideias próprias. Os alunos chineses não gostam de expressar as suas ideias, às vezes porque eles não têm ideias, às vezes porque eles têm medo de errar. Desde os primeiros anos de escolaridade, os exames são feitos de modo a admitirem apenas uma resposta (respostas fechadas) e quase não têm espaço para os alunos expressarem as ideias próprias (respostas abertas), pelo que os alunos não desenvolvem o espírito crítico e o pensamento individual.

Segundos os três exemplos de exame final dos alunos do 1º ano da ULET, - Exame do 1º semestre de Língua no ano lectivo 09/10, Exame do 1º semestre de Laboratório no ano lectivo 09/10, Exame do 1º semestre de Leitura Extensiva no ano lectivo 09/10, - com excepção da parte de “tradução das frases”, quase todas as outras partes admitem só uma resposta correcta e não têm nenhum espaço para os alunos expressarem as

suas ideias. Especialmente no que concerne o exame de **Leitura Extensiva**, que é uma disciplina que avalia competências de compreensão e de expressão a partir de textos como artigos de jornal, revistas, publicidade, ou excertos de romances, seria expectável que os alunos fossem solicitados a fazer interpretações e comentários pessoais sobre os textos. Todavia, a estrutura dos exames de Leitura Extensiva é semelhante ao da disciplina de Língua, não reflectindo claramente os objectivos da disciplina.

Gráfico XVI: Comparação da estrutura e conteúdo dos exames de Língua e de Leitura Extensiva

Exame de Língua		Exame de Leitura Extensiva	
Partes	Percentagem	Partes	Percentagem
Conjugação dos verbos	15%	Conjugação dos verbos	10%
Tradução de locuções	15%	Substituição de partes sublinhadas nas frases	16%
Substituição de partes sublinhadas nas frases	8%	Construção de frases com palavras apresentadas no enunciado	14%
Preenchimento de espaços com verbos	9%	Elaboração de perguntas sobre partes sublinhadas nas frases	20%
Preenchimento de espaços com de / a / em	11%	Preenchimento dos espaços	18%
Elaboração de perguntas segundo as respostas	12%	Tradução	32%
Tradução do tempo e dos números	9%		
Tradução de frases	21%		

Segundo Gráfico XVI, a estrutura do exame final de Leitura Extensiva é muito semelhante à estrutura do exame final de Língua. Os exercícios de tradução ocupam uma grande percentagem e não há exercícios reservados à compreensão e ao comentário.

Contudo, a Leitura Extensiva não é uma disciplina destinada apenas a promover a leitura, mas também a treinar as capacidades de escrita e de expressão do pensamento. Ler e compreender um texto é uma base. A partir desta base, os alunos têm que ter as suas próprias ideias sobre o que lêem e depois procurarem organizar as suas ideias e expressá-las através de textos escritos. Claro que este exame deve ter uma parte de gramática, que ajuda os alunos a expressarem as suas ideias. Mas a 1ª parte “Conjugação dos verbos” pode ser examinada na parte de escrita, porque é melhor substituir a parte “Tradução”. Quanto à parte da escrita, esta não consiste somente em exercícios de leitura, mas incide também sobre a compreensão e a escrita. Assim, os professores poderiam formular as suas perguntas de modo não só a aferir o grau de compreensão escrita dos alunos, mas também a sua capacidade para produzirem enunciados de apreciação crítica próprios. A adopção destas medidas tornaria este exame mais completo, na medida em que avaliaria conhecimentos gramaticais e capacidades de compreensão e expressão autónoma e própria.

No exame final de **Língua**, a parte de tradução ocupa 45%, o que é uma grande percentagem. De facto, o exame de Língua incide sobre muitos aspectos, é um exame complexo. A estrutura actual, em que a tradução ocupa grande percentagem, é justificada pelas exigências do mercado de trabalho a que os alunos de língua portuguesa tradicionalmente se candidatam. Actualmente, os alunos empregam-se quase sempre como tradutores ou intérpretes depois de se formarem. Por isso, os testes das entidades para escolher os empregados são sempre testes de tradução ou interpretação. Por isso, o exame final de Língua corresponde a esta exigência.

Mas segundo a estrutura do exame final de Língua apresentada no Gráfico XVI, “tradução de locuções”, “tradução de expressões do tempo e dos números” e “tradução das frases”, as três partes separadas podem-se juntar numa única parte

como a de “tradução de frases”. Se o professor escolher bem as frases, a parte “tradução de frases” vai incluir o conteúdo das outras três partes. Assim ficaria espaço para que se adicionassem exercícios de “compreensão”, os quais constituem uma parte importante agora em falta.

CAPÍTULO V

COOPERAÇÃO ENTRE AS UNIVERSIDADES CHINESAS E AS UNIVERSIDADES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

5. Cooperação entre as universidades chinesas e as universidades dos países de língua portuguesa

Nos últimos anos, estudar numa universidade estrangeira por um ano tem-se tornado cada vez mais popular na China. No início, esta prática só se aplicava aos cursos de línguas estrangeiras, mas agora, estende-se a quase todos cursos, como economia, química, matemática, etc. Os cursos de PLE têm cooperação com os países lusófonos. Normalmente, os estudantes vão para um desses países para estudar por um ano. Os países que integram estes programas de cooperação com as universidades chinesas na área do PLE são sobretudo Portugal, o Brasil e também Macau. Nesta parte, analisarei a situação das cooperações universitárias na actualidade e tentarei prever o futuro deste modo de difusão do PLE.

5.1 A aceleração das aprendizagens num país estrangeiro

A prática de ir estudar para um país estrangeiro começou antes de 1949, com a fundação da nova China. Naquela época, muitos artistas, poetas, engenheiros foram estudar para o exterior. Depois de 1949, por causa de situação política na China, as saídas de estudo para países estrangeiros foram interrompidas por quase 30 anos. Em 1978, ano em que começou a política de reforma e abertura, o ex-líder da China Deng Xiaoping afirmou: *concordo que os estudantes vão estudar num país estrangeiro. E o número destes estudantes tem que ser grande, até 10 mil*²⁵. Desde então, recomeçaram as saídas para períodos de estudo em países estrangeiros. No início, estes programas de estudos no estrangeiro foram dirigidos sobretudo aos estudantes de tecnologia e de línguas. Presentemente, já se realizam em todos os campos de estudo, da economia, à ciência, à literatura, etc. Em 2007, o número de estudantes no exterior ascendia a 144 mil, em comparação com os 860 estudantes no ano de 1978, crescendo 167.44 vezes²⁶.

Podem-se identificar 3 fases distintas no desenvolvimento de programas de aprendizagem em países estrangeiros desde 1978:

²⁵ Fonte: <http://www.forsa.org.cn/News/MLB103/20080630114550.htm>

²⁶ Fonte dos números: <http://www.forsa.org.cn/News/MLB103/20080630114550.htm>

- 1ª fase: nos inícios, quase todos os estudantes foram mandados pelo governo chinês com bolsa de estudo e a maior parte deles eram investigadores, e não meros estudantes. Em 1979, a China mandou pela primeira vez 50 investigadores para os EUA. Desde então, abriram-se as portas para cidadãos chineses irem estudar para países estrangeiros. Depois de adquirirem novos conhecimentos, sobretudo na área das tecnologias, a maior parte deles voltou para a China para contribuir para a sua construção e desenvolvimento.

- 2ª fase: desde 1985, por incentivo de um grupo de chineses que vivem em países estrangeiros, uma parte dos estudantes começaram a ir estudar para fora, mesmo sem apoios do governo. Estes estudantes pagam as suas propinas e tratam de garantir o seu próprio sustento. Em comparação com os estudantes e investigadores que contam com os apoios do governo, este novo grupo vive com mais dificuldades e vê-se na contingência de trabalhar nas mais diversas actividades (restauração, comércio, etc.) para suportar as despesas inerentes à sua formação. Alguns deles acabam por ser bem sucedidos e colher os frutos dos seus esforços e persistência; a maior parte, porém, passa grandes dificuldades no estrangeiro, dificuldades que muitas vezes se mantêm quando voltam à China.

- 3ª fase: desde os anos 90, uma parte dos estudantes das escolas secundárias começaram a estudar nos países estrangeiros. A maioria destes estudantes são filhos únicos e, em regra, jovens pouco independentes e pouco habituados a resolverem os seus problemas de forma autónoma. Como tal, a sua saída para países estrangeiros tem consequências antagónicas. Por um lado, permite-lhes treinar as capacidades de viver independentemente e receber educação numa cultura diferente; porém, por outro, pode revelar-se um problema, visto que muitos deles demonstram fraca capacidade de adaptação e de integração social nos países de acolhimento, sofrendo de solidão e de desenraizamento. Com o tempo, a maior parte deles resolvem esses problemas, mas há sempre alguns que não suportam viver em países com culturas tão diferentes e se vêem obrigados a voltar para a China.

Segundo os dados estatísticos do Ministério de Educação, até 2007, o número total de estudantes chineses em países estrangeiros era de 1.2117 milhões, tendo-se estes

deslocado para 109 países diferentes. Na actualidade, o número de estudantes chineses no estrangeiro é o maior no mundo.

5.2 O modelo “3+1” no aspecto do ensino de PLE

Em que consiste o modelo “3+1”? Trata-se de um modelo de formação em que os alunos estudam nas universidades chinesas por 3 anos e passam um ano numa universidade estrangeira para concluírem os seus cursos de Licenciatura. Com o desenvolvimento deste modelo, na actualidade têm surgido algumas variantes, como por exemplo: “2+2” (2 anos na universidade chinesa e 2 anos numa universidade estrangeira), “3+2” (3 anos de licenciatura na universidade chinesa e 2 anos de mestrado numa universidade estrangeira).

Normalmente, as universidades chinesas escolhem os alunos do 3º ano para estudar nas universidades estrangeiras. As razões são seguintes:

- a. Nos primeiros dois anos, os alunos adquirem boas bases da gramática da língua portuguesa. No entanto, carecem de prática de compreensão e produção da língua portuguesa na China, competências que podem desenvolver muito em situações de imersão em países lusófonos. Por outro lado, o 4º ano, para os alunos chineses, é um ano importante em que eles se dedicam a elaborar a sua tese final de Licenciatura e a procurar emprego. Por isso, normalmente nenhum aluno gosta de ir para fora no 4º ano. Mas a UCC já fez uma experiência diferente deste modelo, tendo enviado alunos para o Instituto Politécnico de Macau no 1º e 2º ano. Estes alunos experimentaram muitas dificuldades de início, pois quase todos professores são portugueses. No entanto, embora alguns tenham desistido, a maior parte dos alunos fez um grande esforço de adaptação e, dois anos depois, muitos deles apresentavam níveis de conhecimento e utilização da língua portuguesa bastante superiores aos dos seus colegas de outras Universidades.
- b. Como se refere no capítulo 4, a maior parte das disciplinas comuns concentram-se nos 1º e 2º anos (Gráfico VII, P.40). Ora, como a maior parte das Universidades não tem possibilidade de flexibilizar o currículo, uma vez que as disciplinas comuns correspondem a uma exigência do Estado, torna-se difícil, para essas

Universidades mandar os alunos para países estrangeiros nos 1º e 2º anos. Tal é o que acontece, por exemplo, na UCC.

- c. Como os alunos já têm os conhecimentos gerais sobre os países lusófonos nos sectores da política, da cultura, da economia, da sociedade, quando eles chegam a esses países vai-lhes ser mais fácil fazer as suas observações e formar as suas próprias opiniões. Em comparação com os alunos do 1º ano que não conhecem quase nada dos países lusófonos, os alunos do 3º ano vão descobrir mais diferenças entre os dois países e isto ajuda muito a desenvolver o espírito crítico dos alunos chineses.

5.3 Os principais países que cooperam no ensino de PLE

Presentemente, as Universidades chinesas cooperam com várias universidades estrangeiras, principalmente com Universidades portuguesas. Alguns alunos têm apoios financeiros, outros pagam eles próprios os seus estudos. Há ainda universidades que assinam contratos de cooperação bilateral que lhes permite trocar os alunos com as universidades estrangeiras, aliviando assim os custos inerentes à estadia dos alunos em ambas as partes.

A maior parte dos alunos implicados em programas de mobilidade prefere estudar em Portugal. Dentre as razões de tal escolha, podem-se enumerar as seguintes:

- a. Portugal é a origem da língua portuguesa. Como tal, para muitos chineses, falar Português europeu é uma marca de distinção. Por outro lado, há ainda a considerar que sendo a norma europeia mais complexa do que a brasileira, os que dominam a primeira facilmente adquirem também a segunda.
- b. A nível fonético, a norma do Português de Portugal abarca um leque mais vasto e mais complexo de fonemas. Assim, um estudante chinês que compreenda a norma europeia, entenderá também com mais facilidade a norma do Brasil.
- c. Portugal situa-se na Europa, onde, por regra existe mais segurança, não tendo nem os pais nem as universidades que ter grandes preocupações a esse nível. Já quando se deslocam para o Brasil, os alunos têm que ser acompanhados

pelos professores chineses responsáveis.

- d. Dada a sua boa localização, Portugal permite deslocações a outros países europeus onde os alunos podem conhecer a sociedade e a cultura europeias, especialmente as marcas da civilização romana e da civilização grega.

Gráfico XVII: As universidades chinesas e as respectivas universidades cooperantes e apoios financeiros

Universidades Chinesas	Universidades Cooperantes	Apoios Financeiros
Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing	Universidade de Macau	IPOR
Universidade de Estudos Estrangeiros de Xangai	Universidade de Macau Universidade de Lisboa Instituto Politécnico de Macau	IPOR Instituto Camões
Universidade de Comunicação da China	Universidade de Coimbra Universidade de Macau Instituto Politécnico de Macau Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Fundação Oriente
Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin	Universidade do Minho Universidade de Lisboa Universidade de Macau	Instituto de Camões
Universidade de Línguas Estrangeiras de Xi'an	Universidade do Minho	
Universidade de Língua Estrangeiras de Dalian	Universidade Nova de Lisboa	

Universidade Normal de Harbin	Universidade do Minho	
Universidade de Economia e Comércio Internacional	Universidade de Lisboa	

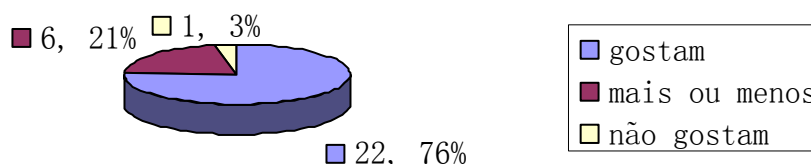
Nota: as universidades cooperantes não são permanentes; como tal, o gráfico refere apenas aquelas que têm ou já tiveram acordos de cooperação.

5.4 A opinião dos estudantes que participam em programas de intercâmbio

Segundo o *Inquérito aos Alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeira de Tiajin*²⁷, pode-se concluir que a maior parte dos alunos gosta do modelo “3+1”.

Gráfico XVIII: Apreciações dos alunos sobre o modelo “3+1”

Número e Percentagem das Ideias dos Alunos sobre o Modelo "3+1"



Segundo o gráfico XVIII acima apresentado, 22 dos alunos inquiridos, ou seja, 76%, gostam do modelo “3+1”. Alguns deles escolhem o curso de língua portuguesa precisamente porque a ULET tem acordos de cooperação com as Universidades do Minho e de Lisboa e isso abre-lhes a possibilidade de estudarem um ano no exterior.

As razões por que os alunos gostam do modelo “3+1” são principalmente duas:

- Têm a oportunidade de estudar na Europa que representa o contacto com um

²⁷ Anexo I: Inquérito aos Alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeira de Tiajin

mundo totalmente diferente;

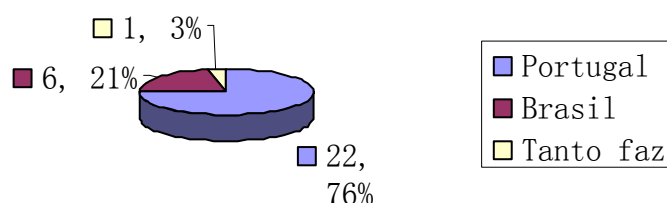
- b. Têm a possibilidade de melhorar muito as suas competências de produção e compreensão oral, sobretudo, ao serem inseridos num contexto de imersão que lhes proporciona contactos quotidianos com a língua portuguesa.

Os alunos que disseram estar apenas moderadamente satisfeitos com este modelo apontaram as seguintes razões:

- a. Preocupação com os custos inerentes a estadias em países estrangeiros.
- b. Dificuldade em se afastarem da família.
- c. Intenção de participarem nos exames nacionais para se inscreverem no mestrado, e conseqüente necessidade de prepararem tal exame no decurso do 3º ano do curso.
- d. Intenção de aproveitar o 3º ano para procurar trabalho.

Gráfico XIX: Países preferidos pelos alunos

Os Países onde os Alunos Preferem Ir



Dentre os 29 alunos inquiridos, 22 dizem que gostariam de se deslocar a Portugal, 6 referem que prefeririam ir ao Brasil, e 1 diz não ter opinião formada. As razões por que eles preferem Portugal ao Brasil são muito concretas: o Português europeu é considerado mais culto e socialmente mais prestigiante; sendo um país europeu, Portugal permite viajar e conhecer outros países europeus igualmente atractivos do ponto de vista cultural; o Brasil, devido aos problemas sociais que tem, revela-se uma opção menos cativante em termos de segurança.

Para os 6 alunos que dizem preferir estudar no Brasil, as razões são apresentadas são as seguintes: a China e o Brasil formam ambos parte do grupo de países emergentes conhecidos pela sigla BRIC (Brasil/Rússia/Índia/China), o que originou um incremento dos projectos de cooperação entre estes dois países. Assim, estudar um ano no Brasil permite adaptar-se aos hábitos brasileiros e começar a procurar aí oportunidades de emprego. Além disso, alguns estudantes referem também que nos primeiros dois anos eles já aprendem português de Portugal, desejando por isso aprender a norma brasileira para terem mais competitividade quando procuram trabalho.

5.5 As vantagens e desvantagens do modelo “3+1”

As vantagens do modelo “3+1”

- a. Oferecer aos estudantes uma oportunidade de viver num país totalmente diferente. Assim, é obrigatório para eles o uso da língua portuguesa. Através da prática quotidiana da língua, os alunos vão aprender vocabulário e estruturas diferentes do que aprendem nas aulas na China.
- b. Como na actualidade se realiza uma política de filho único na China, a maior parte dos alunos são filhos únicos e os pais protegem-nos demasiado. Como tal, viver num país estrangeiro é uma maneira de treinar a capacidade dos alunos para viverem de forma independente.
- c. Viver num país estrangeiro é estar mais perto dessa cultura. Para além de os alunos poderem conhecer as diferenças a nível da vida quotidiana, também vão ter oportunidade de aprofundar mais os seus conhecimentos sobre aspectos dessa sociedade e cultura, quer do ponto de vista sincrónico, quer histórico (por exemplo, vão poder distinguir fado de Lisboa e fado de Coimbra, saber o que se entende por salazarismo e sebastianismo, etc.).
- d. As bibliotecas estrangeiras fornecem livros diferentes. Além da língua portuguesa, os alunos podem encontrar livros sobre vários aspectos que os ajudam a conhecer a história, a cultura, a sociedade do país de acolhimento. Eles também podem descobrir livros que descrevem a China sob pontos de vista muito diferentes dos

apresentados pelos livros chineses.

- e. A facilidade de localização, tanto de Portugal como do Brasil, oferece a oportunidade de visitar outros países. Especialmente na Europa, onde existem duas civilizações famosas, a civilização romana e a civilização grega. Para os alunos que têm interesse em fazer investigação no futuro, é uma boa oportunidade a aproveitar para conhecer mais profundamente essas culturas.

As desvantagens do modelo “3+1”

- a. Os custos do modelo “3+1 são muito altos. Se não se obtiver nenhum apoio das instituições, estudar um ano em Portugal pode custar uns 6500 mil euros, incluindo bilhete de avião e propinas, sendo o valor idêntico no caso de uma estadia de um ano no Brasil, pois embora o custo de vida seja mais barata no Brasil do que em Portugal, o bilhete de avião é muito mais caro. Na actualidade, uma família chinesa numa cidade média ganha uns 5000 euros por ano. Pode-se assim dizer que o custo de viver um ano num país estrangeiro excede os rendimentos anuais médios de uma família chinesa. Há várias vias para resolver este problema: a primeira passa pelo estabelecimento de contratos entre as universidades para aliviar as propinas; outra via consiste em requisitar as bolsas de estudo às instituições competentes. Cumulativamente, os alunos podem trabalhar fora das aulas, o que normalmente acontece pois os alunos trabalham em restaurantes, bares, supermercados, lojas chinesas. Por um lado, estas actividades contribuem para treinar a capacidade de usar língua; por outro lado, os estudantes trabalham demasiado, o que vai influenciar negativamente os seus estudos. Eles gastam muita energia no trabalho e não têm muito tempo para estudar.
- b. Para os alunos que se pretendem propor aos exames nacionais de acesso aos Mestrados, este modelo é prejudicial uma vez que lhes retira tempo de preparação para esses exames. Acresce que, muitas vezes, os alunos não pretendem fazer os Mestrados na área das línguas, mas sim noutras áreas como a Economia, as Relações Internacionais, etc. Nestes casos, os prejuízos decorrentes da permanência no estrangeiro são ainda maiores.
- c. Muitos alunos não têm maturidade suficiente para viverem sozinhos num país

estrangeiro. Embora isto não aconteça sempre, quase todas universidades são confrontadas com este problema, que não tem uma relação directa com as capacidades linguísticas dos estudantes, mas antes com a sua experiência de vida. Como já se referiu anteriormente, na actualidade, quase 90% dos alunos são filhos únicos. Antes de entrar na universidade, os pais dedicam-se-lhes inteiramente, dispensando-os da realização de qualquer outra tarefa, com excepção de estudar. Por isso, embora alguns alunos tenham boa notas, eles não têm experiência de vida. Quase todos os responsáveis dos departamentos de língua portuguesa encontraram esta situação. No entanto, se é verdade que a maior parte dos alunos enfrenta dificuldades de adaptação quando vai estudar para o estrangeiro, não é menos certo que quase todos acabam por, com o tempo, resolvê-las eles próprios.

5.6 Previsões para o futuro

Cooperação contínua com Portugal

Pelas razões já anteriormente apontadas – Portugal é o país-berço da língua portuguesa; é um país europeu que permite deslocações a outros países europeus; e é um país bastante seguro -, é previsível que as universidades chinesas continuem a escolher cooperar primeiro com as universidades portuguesas. Nos últimos anos, cada vez mais universidades chinesas abrem cursos de língua portuguesa. No futuro esta tendência vai continuar. Por outro lado, recentemente, aprender chinês tem-se tornado cada vez mais popular em Portugal. Depois da fundação do primeiro Instituto Confúcio, na Universidade do Minho, em 2008, fundou-se o segundo Instituto Confúcio na Universidade de Lisboa. Com a fundação destes dois Institutos Confúcio, cada vez mais portugueses querem aprender chinês na China. Por isso, assinar protocolos entre as universidades chinesas e portuguesas é uma medida útil e proveitosa para ambos os países.

Além disso, Portugal também pode pensar em cooperação noutras áreas. Na actualidade, muitos países europeus já recebem estudantes chineses da escola secundária para frequentar as aulas deste grau de ensino nos seus países, ou recebem estudantes que se formam na escola secundária para depois frequentarem os cursos de

licenciatura. Este tipo de cooperação ajuda também o governo português a receber mais dinheiro para melhorar a situação financeira.

Cooperação em desenvolvimento com o Brasil

Na actualidade, só a UCC tem cooperação com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dadas as desvantagens da cooperação com o Brasil, na China, a maior parte das universidades escolhem cooperar com Portugal. Mas como se analisa no primeiro capítulo, a China e o Brasil têm um espaço vasto para cooperar no futuro. A educação é apenas uma área destas cooperações.

Para desenvolver os laços de cooperação com o Brasil, é necessário começar com as universidades brasileiras que ficam nas zonas mais tranquilas. Porque a segurança é o maior problema com que se preocupam muito os chineses. A UCC começou a cooperação com o Estado do Rio Grande do Sul, porque esta se situa numa zona mais tranquila e onde há menos crimes.

Cooperação incerta com outros países lusófonos

Como a maior parte dos outros países lusófonos se situam na África, onde o sistema de educação não está estabilizado, as universidades chinesas ainda não têm nenhuma intenção de cooperar com eles.

Mas como a China tem cada vez mais relações de cooperação com Angola, como se analisa no primeiro capítulo, no futuro talvez se intensifiquem os projectos de colaboração com as universidades angolanas. Isto depende muito da evolução da situação político-social de Angola. A manterem-se as condições actuais, uma cooperação consistente a nível da educação afigura-se difícil.

Sobre os outros países, a China não tem muitas colaborações com eles, muito menos no aspecto da educação. A título de exemplo, refira-se que São Tomé e Príncipe ainda não estabeleceu relações diplomáticas com a China.

CONCLUSÃO GERAL

Conclusão Geral

Neste trabalho, apresento uma visão geral sobre o ensino da Língua Portuguesa na China, o qual passou por 3 fases: a fase inicial do ensino da língua portuguesa, a interrupção desse processo de ensino e a recuperação e o desenvolvimento rápidos do ensino da língua portuguesa nos últimos tempos. Apresento também algumas previsões quanto ao futuro do mercado da Língua Portuguesa na China.

Contudo, o 4º capítulo é o capítulo maior e mais importante em que analisei os cursos de licenciatura em Língua Portuguesa em funcionamento na China. Neste capítulo, analisei a metodologia do ensino da Língua Portuguesa, os manuais, as disciplinas e a avaliação final, tomando também em consideração os exames finais da Leitura Intensiva e Extensiva da ULET com exemplos para fazer a minha análise. Nesse processo de análise, tive a oportunidade de reflectir sobre alguns pontos fracos do ensino da Língua Portuguesa na China, entre os quais, a falta de comunicação entre os alunos e os professores na aula, o que é um problema bastante acentuado. Apesar desta constatação, não desenvolvo neste trabalho uma reflexão profunda sobre as melhores formas de aplicar uma metodologia comunicativa ao ensino do Português na China. Pretendo aprofundar mais esta vertente num futuro trabalho de doutoramento.

Aprender a Língua Portuguesa não é só aprender um língua, mas também aprender uma cultura. Quando os chineses falam português, refletem-se as diferenças entre as duas culturas. O trabalho dos professores não se esgota ao nível do ensino da Língua Portuguesa, também é um trabalho intercultural. Os professores têm que dar bastante atenção aos detalhes de cultura que podem estar na origem de erros em termos de língua. Na 5ª parte deste estudo, analisei o modelo “3+1” que é usado por quase todas universidades com cursos de línguas estrangeiras. Actualmente, os especialistas acham que isto é uma maneira prática de os alunos conhecer melhor a cultura dos países de Língua Portuguesa.

Contudo, este trabalho é um trabalho de natureza prospectiva e necessariamente genérica. É minha intenção continuar e aprofundar a pesquisa que agora iniciei, nomeadamente em termos da identificação das metodologias mais adequadas ao processo de ensino-aprendizagem do Português por estudantes chineses, num futuro

trabalho de doutoramento que foque e desenvolva os tópicos agora esboçados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

1. ALMEIDA, Mário Sérgio Pinheiro Moreira de. *Ensino de português língua estrangeira – P. L. E. – Língua Global. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 2, n. 2, 2004.
2. AN, Chunying. *Análise de Vantagens e Desvantagens da Cooperação Económica entre a China e Angola*. in *Ásia Ocidental e África*. 4º, 2006.
安春英. 中国与安哥拉经济合作的利弊分析. 载 *西亚非洲*. 2006 年第 4 期.
3. BAO, Huinan. *Tradução e os Contextos Culturais*. Editor de Tradução em Línguas Estrangeiras da China. 2003. Pequim.
包惠南. 文化语境与语言翻译. 中国对外翻译出版社. 2003 年. 北京.
4. CHEN, Xile. *Uma Comparação entre Pensamentos Chinês e Ocidental*. in *Jornal da Universidade de Xiamen (Versão Filosofia e Ciências Sociais)*. 1991
陈喜乐. 中西思维方式之比较. 载 *厦门大学学报 (哲学社会科学版)*. 1991.
5. DEUS RAMOS, João. *A História Diplomática entre a China e Portugal*. Instituto Cultural de Macau. 1998. Macau.
若奥·德·德吾斯·拉莫斯 (林若翰). *中国葡萄牙外交关系史澳门*. 文化司署. 1998 年. 澳门.
6. GAO, Ruixue. *Sobre uma Estratégia do Ensino da Conversação da Língua*

Inglesa na Universidades. Monografia de Mestrado da Universidade de Jilin. 2005

高瑞雪. 大学英语口语教学策略研究. 吉林大学硕士论文. 2005 年.

7. HU, Wenzhong. *Cultura e Comunicação*. Foreign Language Teaching and Research Press. 2003. Pequim.

胡文仲主编. 文化与交际. 外语教学与研究出版社. 2003 年. 北京.

8. HUANG, Zhending. *Translatology: Unity of Artistic and Scientific Approaches*. Shanghai Foreign Languages Education Press. 2008. Xangai.

黄振定. 翻译学: 艺术论与科学论的统一. 上海外语教育出版社. 2008 年. 上海.

9. JIN, Huikang. *China English in Chinese-English Translation in Intercultural Communication*. in *Jornal da Universidade Normal Politécnico de Guangdong*. 2º, 2002.

金惠康. 汉英跨文化交际翻译中的 *China English*. 载广东职业技术师范学院学报. 2002 年第 2 期.

10. JIN, Huikang. *Tradução em Comunicação Intercultural*. Editor Duiwai Fanyi da China. 2003. Pequim.

金惠康. 跨文化交际翻译. 中国对外翻译出版公司. 2003 年. 北京.

11. JIN, Huikang. *Translation in Intercultural Tourism*. Editor de Tradução em

Línguas Estrangeiras da China. 2006. Pequim.

金惠康. *跨文化旅游翻译*. 中国对外翻译出版公司. 2006 年. 北京.

12. LEIRIA, Isabel, M. João Queiroga e Nuno Verdial Soares. *Português Língua não Materna no Currículo Nacional*. Disponível em:

http://www.dgidec.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM_perfis-linguisticos.pdf

13. LEIRIA, Isabel. *Português língua segunda e língua estrangeira: Investigação e Ensino*. Uma primeira versão deste texto foi apresentada ao 1º Congresso do Português Língua Não-Materna que teve lugar de 21 a 23 de Outubro de 1999, no Forum Elecom – Picoas, em Lisboa.

14. LÉOPOLD, Essoh Désiré (2006 -- 2007). *A Língua Portuguesa na Sociedade Marfinese*. Département Etudes Ibériques et Latino – Américaines, Université de Cocody. Monografia de Mestrado.

15. LI, Aijun. *Brasil – O Maior Parceiro dos Negócios da China na América-Latina*. in *Comércio Internacional*. 4º, 2003.

李爱军. *巴西--中国在拉美的最大贸易伙伴*. 载 *世界贸易*. 2003 年第 4 期.

16. LI, Hanchun. *Estudos sobre as interferências na Capacidade de Conversação dos Estudantes no Âmbito da Educação Universitária da Língua Inglesa*. Monografia de Mestrado da Universidade Sudeste. 2005

李汉春. *在中国大学英语教学环境下影响学生英语口语能力的因素研究*. 东南大学硕士论文. 2005 年.

17. LI, Yuee. *O Ensino de Conversação da Língua Inglesa nas Universidades com uma Perspectiva Socio-cultural*. Monografia de Mestrado da Universidade de Agricultura de Shandong. 2008.
- 李月娥. 社会文化视角下大学英语教师对口语教学的认知. 山东农业大学硕士学位论文. 2008 年.
18. LIAN, Huayan. *Os Pensamentos Chinês e Ocidental e as Diferenças nas Expressões nas Línguas*. in *Jornal da Universidade Qiqihaer (Versão Filosofia e Ciências Sociais)*. 2001.
- 连燕华. 论中西思维方式与语言表达差. 载齐齐哈尔大学学报 (哲学社会科学版). 2001 年.
19. LIN, Yutang. *Entre as Culturas Chinesa e Ocidental*. Editor Huaxia. 2009. Pequim.
- 林语堂. 谈中西文化. 华夏出版社. 2009 年. 北京.
20. LUO, Hong. *Uma Comparação entre os Pensamentos Chinês e Ocidental e as Respectivas Expressões Frásicas*. in *Jornal da Universidade do Rio Changjiang (Edição nas Ciências Sociais)*. 2005.
- 罗虹. 中西思维方式与句式表达比较. 载长江大学学报 (社会科学版). 2005.
21. LV, Jun e HOU, Xiangqun. *Translatology – A Constructivist Perspective of*

Translation Study. Shanghai Foreign Languages Education Press. 2006. Xangai.

吕俊，侯向群. 翻译学——一个构建主义的视角. 上海外语教育出版社. 2006年. 上海.

22. MA, Rongya. *Ensino da Compreensão Auditiva com os Alunos no Centro do Objectivo*. Monografia de Mestrado da Universidade Huadong. 2007.

马蓉雅. 以学生为中心的听力教学成效讨论. 华东大学硕士论文. 2007年.

23. MINISTÉRIO da Educação de Portugal. *Português Língua não Materna no Currículo Nacional*. Publicado em Julho de 2005. Disponível em: http://www.dgide.min-edu.pt/linguaportuguesa/Documents/PLNM_perfis-linguisticos.pdf

24. PINKHAM, Joan with the collaboration of Jiang Guihua (2007). *The Translator's Guide to Chinglish*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.

25. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL). Publicado em *Diário da República*, 1ª série – Nº. 158 – 17 de Agosto de 2009

26. Serviço Académico da ULET. *Programa Curricular de Licenciaturas da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin*. 2008. Tianjin.

天津外国语学院教务处. 天津外国语学院本科教学培养方案. 2008年. 天津.

27. WANG, Jiangmei (Maio de 2007). *Concepção e Desenvolvimento de Uma Licenciatura em Português na China: Circunstâncias, Princípios, Materializações*. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Monografia de

Mestrato

28. WU, Li. *As Influências dos Pensamentos Chinês e Ocidental nas Línguas*. in *As Ciências Sociais de Hubei*. 2007.

吴俐. 中西思维方式对语言的影响. 载湖北社会科学. 2007.

29. YAN, Qiaorong (2008). *De Práticas Sociais a Gêneros do Discurso: Uma Proposta para o Ensino de Português para Falantes de Outras Línguas*. Porto Alegre, Brasil: Monografia de mestrado.

30. YU, Kunxiang. *Novos Critérios Curriculares e o Ensino da Compreensão Auditiva de Inglês Orientado pelas Tarefas*. Monografia de Mestrado da Universidade Normal de Guangxi. 2008.

余昆湘. 新课标理念下的任务型英语听力教学. 广西师范大学硕士论文. 2008.

31. ZHOU, Zhiwei. *A Posição Estratégica do Brasil e a Relação Sino-Brasileira*. in *Estudos sobre América-Latina*. 3º, 2006.

周志伟. 巴西的战略地位与中巴关系. 载拉丁美洲研究. 2006年第3期.

Web links:

32. *Satisfeita-se no Desenvolvimento das Relações Sino-Portuguesas; Existe Grande Espaço de Cooperação Económica*

中葡关系发展令人满意 经济合作有较大空间

<http://www.china.com.cn/chinese/zhuanti/wjbcf/1057037.htm>

33. *Estabelecimento da Relações Diplomáticas entre a China e Portugal*
中葡建交
<http://www.ndcnc.gov.cn/datalib/2004/NewEvent/DL/DL-20031220171636/>
34. *As Relações Bilaterais entre a China e Portugal*
中国和葡萄牙双边关系
<http://pt.chineseembassy.org/chn/zpgx/t184150.htm>
35. *Declaração Conjunta de Fortalecimento das Relações Bilaterais Assinada pelos Dois Primeiro-Ministros Chinês e Português*
中葡两国总理签署加强双边关系的联合声明
http://www.ce.cn/xwzx/gjss/gdxw/200512/10/t20051210_5478184.shtml
36. *Os Apoios da China nas Construções Angolenses não é uma Pilhagem dos Recursos, mas é um Modelo Ganhar-Ganhar*
中国援建安哥拉绝非资源掠夺，而是创造了一种双赢模式
<http://zgcgw.org.cn/News/4/1524.html>
37. *Situação Geral da Cooperação entre a China e Angola*
中国与安哥拉合作概况
http://www.africa.gov.cn/ArticleView/2005-7-20/Article_View_863.htm
38. *O Número dos Estudantes nos Países Estrangeiros da China é o Maior no Mundo*
中国海外留学生，人数居全球之冠
<http://www.forsa.org.cn/News/MLB103/20080630114550.htm>
39. *As Turmas da Faculdade de Língua Estrangeiras da UCC desde a Fundação da Universidade*
中国传媒大学外语系历史开设专业班级一览
<http://sis.cuc.edu.cn/web/amult06.htm>

40. Ministério da Educação da China. *Situação Geral da Cooperação e Intercâmbio entre a China e Portugal.*

中国教育部. *中国与葡萄牙教育合作与交流概况.*

<http://www.moe.edu.cn/edoas/website18/level3.jsp?tablename=1307&infoid=1263775254080817>

ANEXOS

Anexo I

Inquérito aos alunos do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade das Línguas Estrangeiras de Tianjin

1. Nome: _____
2. Nacionalidade: _____
3. Sexo: _____
4. Idade: _____
5. Que ano do curso se encontra a frequentar? (1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano)
6. Antes de entrar neste curso, já tinha alguns conhecimentos sobre Portugal ou sobre outros países de língua portuguesa?
 - 6.1. Se respondeu afirmativamente, indique:
 - 6.1.1. Sobre qual(ais) país(es) tinha conhecimentos?
 - 6.1.2. Que tipo de conhecimentos tinha? Sobre a língua? Sobre a cultura? Sobre a história? Sobre a situação actual? Sobre as relações com a China? Outros?
 - 6.1.3. Como obteve esses conhecimentos?
7. Frequenta este curso por escolha própria ou porque a Universidade o colocou nesta opção?
 - 7.1. Se foi uma escolha sua, quais as razões de tal escolha?
 - 7.2. Se foi colocado neste curso por opção da Universidade, indique:
 - 7.2.1. Qual era o curso que desejava frequentar?
 - 7.2.2. Agora que frequenta este curso, pretende continuar ou, pelo contrário, gostaria de mudar para outro?
 - 7.2.3. Considera que o facto de este curso não ter sido a sua primeira opção dificulta a sua aprendizagem da Língua Portuguesa?
 - 7.2.3.1. Que estratégias utiliza para ultrapassar essas dificuldades?
8. Qual(ais) a(s) disciplina(s) que você acha que é(são) mais difícil(eis) e qual(ais) acha que é(são) mais prática(s)?
9. Que manual(ais) de Língua Portuguesa é (são) utilizado(s) na sua licenciatura?

10. Acha que esses compêndios ou manuais didáticos utilizados no seu curso são bons e suficientes para desenvolver os seus conhecimentos de língua portuguesa?
 - 10.1. Considera as explicações teóricas claras e suficientes?
 - 10.2. Pensa que as propostas de trabalho prático são suficientes e adequadas?
 - 10.3. Se respondeu negativamente, que aspectos acha que poderiam ser melhorados?
11. Gosta do modelo de formação “3+1”? Na sua opinião, quais são as vantagens e desvantagens deste modelo?
12. Se pudesse escolher, preferiria Portugal ou o Brasil como destino para aprender a Língua Portuguesa no 3º ano?
 - 12.1. Indique as razões dessa preferência.

Anexo II

Entrevista aos Responsáveis do Departamento de Língua Portuguesa da UECl, da UCC, da ULED e da ULET

1. Por que razão foi fundado o Departamento de Português? Porque fundou-se o departamento de português?
2. Quantas turmas tem por um ano? Quantos alunos tem cada turma? Há algum pré-requisito relativo à competência prévia em língua inglesa por parte dos alunos? É exigido um conhecimento obrigatório da língua inglesa?
3. Quantos professores chineses de língua portuguesa há na sua universidade? E quantos professores estrangeiros (quais são as nacionalidades deles)? Eles são licenciados, mestres ou doutores?
4. Quais são as disciplinas principais leccionadas na sua Universidade na Licenciatura de Português? Estas disciplinas são só para o curso de Português ou também servem para todos os cursos de línguas? Na sua Universidade, existem disciplinas específicas, diferentes das que integram os currículos de outras Universidades?
5. Quais são os manuais utilizados na sua Universidade? São originais de Portugal ou do Brasil?
6. Como é feita a avaliação dos estudantes na sua Universidade? Que competências são avaliadas? Através de que tipo de provas?
7. A sua Universidade tem cooperação “3+1”? Com qual Universidade? Portuguesa ou Brasileira? Se não, tem vontade de cooperar com Universidades estrangeiras? Prefere as Universidades portuguesas ou brasileiras? Porquê?

Anexo III

Exame Final da Língua Portuguesa do Ano Lectivo 2009/2010 da ULET

天津外国语学院葡萄牙语系

2009-2010 学年第一学期基础葡萄牙语 1 期末考试试卷 (A 卷)

专业_____ 班级_____ 学号_____ 姓名_____ 成绩_____

考试用时： 90 分钟

I. 请写出下列动词相应主语的陈述式现在时变位。(15%)

dizer

ler

dar

sair

sentar-se

II. 词组 (15%)

1. 把红色的大字典交给老师
2. 和同学去北京旅行
3. 在操场上踢足球
4. 加入大学乐队
5. 在仔细阅读正文以后
6. 向他展示许多五颜六色的漂亮照片
7. 围坐在桌边吃晚饭
8. 脑袋和右腿很疼
9. 卡洛斯的爷爷奶奶的朋友的瘦瘦的孙女

10. 在又长又窄的马路上与小朋友们玩耍

III. 把下列句子中的宾语用直接或间接宾格人称代词代替。(8%)

1. Eles fazem muitos trabalhos.
2. Nós acabamos a aula.

3. A mãe telefona à Ana.
4. Vou entregar os cadernos aos professores.
5. Vamos ler o texto.
6. Podes arranjar um copo de água por mim por favor?
7. A Ana ajuda a Maria e eu a limpar a sala de aula.
8. Eles vão dar os manuais a mim e à Maria.

IV. 填空 (9%)

A Rita e a Inês _____ (ser) duas amigas. Quando a Rita _____ (ter) tempo, ela anda no jardim mas a Inês _____ (descansar) e _____ (comer) um gelado. A Rita _____ (correr) 5 km todos os dias e a amiga _____ (passar) o tempo em casa, mas quando elas _____ (visitar) a «Casa dos Espelhos» no parque de diversões, a Inês _____ (pensar) : «Aqui _____ (estar) finalmente o lugar ideal».

V. 用 de / a / em 填空。必要时可加上相应的冠词。(11%)

1. _____ domingo nunca tenho aulas.
2. _____ manhã levanto-me _____ 8:00.
3. _____ segundas-feiras tenho sempre ginástica depois das aulas.
4. Hoje _____ tarde estou em casa. Podes telefonar.
5. _____ fins-de-semana eu e os meus amigos vamos sempre ao cinema _____ noite.
6. O James tem aulas _____ 9:00 _____ 12:00.
7. _____ sábado estou a trabalhar até tarde. Só acabo _____ 10:30.

VI. 阅读对话并根据回答写出相应问题。(12%)

Na rua...

Teresa: Olá, Pedro, como estás?

Pedro: Olá, tudo bem. E tu?

Teresa: Estou bem, obrigada.

Pedro: Olha, esta é a Martina. É de Berlim, mas mora em Lisboa. Ela estuda Medicina.

Teresa: Olá Martina, muito prazer. Chamo-me Teresa e sou amiga do Pedro.

Martina: Muito prazer, Teresa. Também estudas em Lisboa?

Teresa: Não, não. Eu trabalho em Lisboa, mas moro em Almada.

Pedro: Bem Teresa, agora não temos muito tempo, mas amanhã eu telefono para a tua empresa e conversamos. Qual é o número do telefone?

Teresa: É o 123456789.

Pedro: Está bem, então até amanhã.

Teresa: Até amanhã e muito prazer, Martina.

Martina: Muito prazer, Teresa, até à vista.

Fazer perguntas sobre o texto.

a) _____

Não, a Martina é alemã.

b) _____

Ela é de Berlim.

c) _____

Ela mora em Lisboa.

d) _____

A Martina estuda Medicina.

e) _____

A Teresa trabalha em Lisboa.

f) _____

É o 123456789.

VII. 时间和数字的表达 (9%)

8: 50

364

14: 30

73

13 点整

早上 6: 45

VIII. 翻译句子 (21%)

1. 我叫若泽，是天津外国语学院西语学院葡萄牙语系一年级的学生，我很喜欢学习葡语。

2. 今天我们要学习一个新课，因为明天我们要去郊游。西班牙语班明天有一个考试。

3. -谁在敲门？

-我是莉莉安娜，我得把作业交给老师。

-老师不在，但是他马上就回来。

-我可以进来吗？

-可以。

4.那几个穿黄衣服的小伙子是二年级的学生。

5. - 你每天几点起床?

- 我每天早上六点半起床。然后去教学楼学习。

6. - 你喜欢听音乐吗?

- 是的,我很喜欢古典音乐。你呢?

- 我也喜欢古典音乐,但是我更喜欢爵士乐。

- 那你会乐器吗?

- 会,我会弹钢琴,我还懂一点小提琴。

7. 我家一共有五口人,爷爷奶奶,爸爸妈妈和我。我们家的房子很大很宽敞。很多窗户向阳,所以屋里光线总是很好。今天我爸爸过生日,他45岁了。我的叔叔阿姨们也会来我家。我的小叔叔送给我爸爸一件非常漂亮的礼物,我爸爸很喜欢,并很感谢他。

Anexo IV

Exame Final da Leitura do Ano Lectivo 2009/2010 da ULET

天津外国语学院葡萄牙语系

2009—2010 学年第一学期葡语阅读 1 期末考试试卷 (A 卷)

考试用时: 90 分

I. 请写出下列动词的陈述式现在时变位 (10%)

Ler

Sair

Poder

Vir

Chamar-se

II. 把下列句子中的宾语用直接或间接宾格人称代词代替 (16%)

1. Ele faz muito bem este trabalho.
2. Eles abrem a porta.
3. Nós copiámos os textos.
4. Vou telefonar ao Júlio.
5. A Ana ajuda a Maria e eu a limpar a sala de aulas.
6. Podes arranjar um copo de água para mim?
7. Vamos ler este texto.
8. Os professores dão livros de Português para os seus alunos.

III. 请运用下列词汇写出七句有关系的不同句型的疑问句, 并作回答 (14%)

livro, vermelho, novo, Maria, estudante

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____

IV. 划线提问 (20%)

1. Aqui é um hotel.
2. Em cima da mesa de jantar há um cinzeiro.
3. A caneta do professor é curta.
4. Estas maçãs são da minha mãe.
5. A pasta da professora é vermelha.
6. O João é médico.
7. Aquele jovem é o irmão do Paulo.
8. A Ana é da Itária.
9. Estão duas revistas na carteira.
10. Este casaco azul é o do Pedro.

V. 填空 (18%)

A: Olá, Mariana, por aqui?

B: Olá, Pedro. () estás?

A: Bem, (). Agora moras aqui, nesta rua?

B: Sim. () naquele prédio ali.

A: Qual ()?

B: Aquele ali. () () da pastelaria.

A: Ah, sim. O teu apartamento () grande?

B: Sim. () muito grande. Tem quarto (), () sala e uma varanda

bonita. Também tenho uma () e duas () de banho.

VI. 翻译 (32%)

1. 12
2. 66
3. 111
4. 123
5. 200
6. 99
7. 你叫什么名字?
8. 你是 Miguel 的朋友, 不是吗?
9. Miguel, 那里的那个东西是什么?
10. 我的那个红色的皮球在哪里?
11. 我要一杯冰冻牛奶。
12. 周日 Santos 一家人总是在外面吃午饭, 除了 Rui 和 Sofia, 每个人都喝家酿葡萄酒。
13. 如果您不介意的话, 请去女装部, 在一楼, 那里有很多女式衬衫。